



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A MEDIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA  
DA COMPREENSÃO LEITORA EM UMA TURMA DE 4º  
ANO DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO DISTRITO  
FEDERAL**

**ANA CAROLINE AMARAL PEREIRA**

**BRASÍLIA – DF, JULHO DE 2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A MEDIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA  
DA COMPREENSÃO LEITORA EM UMA TURMA DE 4º  
ANO DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO DISTRITO  
FEDERAL**

**ANA CAROLINE AMARAL PEREIRA**

**BRASÍLIA – DF, JULHO DE 2011**

**ANA CAROLINE AMARAL PEREIRA**

**A MEDIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA DA  
COMPREENSÃO LEITORA EM UMA TURMA DE 4º ANO DE  
UMA ESCOLA PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação do professora DR<sup>a</sup>. VERA APARECIDA DE LUCAS FREITAS.

**BRASÍLIA – DF, JULHO DE 2011**

## **Ficha Catalográfica**

PEREIRA, Ana Caroline Amaral. *A mediação como estratégia facilitadora da compreensão leitora em uma turma de 4º ano de uma escola particular do Distrito federal*. Brasília – DF, Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (trabalho final de curso), 2011.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Aparecida de Lucas Freitas.

Trabalho Final de Curso. Conclusão em Pedagogia – Universidade de Brasília.

**Brasília, DF, julho de 2011**



Monografia de autoria de Ana Caroline Amaral Pereira, intitulada de A MEDIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA DA COMPREENSÃO LEITORA EM UMA TURMA DE 4º ANO DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em 11/07/2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Aparecida de Lucas Freitas  
Faculdade de Educação – UnB  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Analva Aparecida de Andrade Lucas Passos  
Centro Universitário UNIEURO / UAB  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Renata Antunes de Souza  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF  
Examinadora

Brasília - DF, julho de 2011

Dedico esta monografia aos meus pais, exemplos de dedicação e de amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, por estarem sempre ao meu lado ajudando-me a superar dificuldades, a seguir pelo caminho do bem e também por dar-me a oportunidade de estudar e a capacidade para realização deste e de outros trabalhos.

Aos meus pais, Carlos Antônio Pereira e Erilda Maria Amaral Pereira, que sempre guiaram-me pelo caminho da dignidade e do respeito, e também por estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida, inclusive nos mais difíceis, quando me deram força e muito amor para que eu pudesse enfrentar qualquer desafio. Palavras são insuficientes para expressar a minha gratidão e o amor que sinto por essas duas pessoas, que para mim são exemplos de ser humano.

Aos meus irmãos, Carlos Antônio Pereira Filho e Renato Amaral Pereira, por me alegrarem nos momentos de aflição, e principalmente por terem paciência quando eu não me encontrava num dia muito bom.

Aos meus demais familiares e amigos, principalmente aos meus avós, pelos conselhos nos momentos necessários e por vibrarem comigo a cada conquista alcançada.

Ao meu namorado, Álysson Pereira da Silva, pela cumplicidade e por ter sido paciente durante toda essa minha trajetória, na qual, por alguns momentos, tive que estar ausente para me dedicar aos trabalhos acadêmicos, inclusive a essa monografia.

Às minhas amigas, Anne Caroline, Josy, Juliane, Karina, Marcela e Marielly que estiveram comigo durante toda essa caminhada, dando conselhos e sugestões. Sei que sem a presença delas, com certeza os meus dias acadêmicos não seriam tão bons e divertidos como foram.

Aos meus demais amigos e amiga, pelos bons momentos proporcionados.

À minha orientadora de monografia, Vera Aparecida Lucas Freitas, pela dedicação e pelas preciosas lições ministradas que foram fundamentais para a construção desse e de vários outros trabalhos que vão continuar me ajudando em trabalhos futuros.

Aos professores e escolas que me aceitaram em sala de aula durante o meu curso, para que eu pudesse realizar meus trabalhos de observação, bem como a todos que passaram pela minha vida, tanto os da fase escolar quanto os acadêmicos que foram para mim, exemplos de sabedoria e profissionalismo.

Muito obrigada.



“Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias.”

Marlene Carvalho (2009)

## **RESUMO**

A leitura está presente em todos os momentos da nossa vida, sendo a sua compreensão fator fundamental nos dias atuais. Esse trabalho pretende analisar a mediação do professor durante as aulas nas quais a leitura está inserida. No embasamento teórico são apresentadas as posições dos principais estudiosos sobre o letramento, a leitura, a compreensão da língua escrita, as dimensões textuais e a mediação, bem como sobre as estratégias utilizadas pelo professor em sala de aula que colaboram para a compreensão leitora dos alunos. O presente trabalho procura conscientizar os professores sobre a sua importância como mediador da leitura, transformando os alunos em leitores capazes de fazer uso da leitura e da escrita em diversas situações da vida. Para visualizar o conteúdo na prática, o trabalho apresenta uma pesquisa realizada dentro de uma sala de aula do 4º ano de uma escola particular do Distrito Federal, onde foi possível perceber o quanto é relevante a mediação da professora no processo de compreensão leitora de seus alunos.

Palavras-chave: Compreensão leitora. Estratégias de mediação. Leitura. Professor mediador.

## SUMÁRIO

MEMORIAL.....	11
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – LEITURA E MEDIAÇÃO.....	23
1.1 – O QUE É LETRAMENTO.....	23
1.2 – LEITURA.....	25
1.3 – COMPREENSÃO LEITORA.....	27
1.4 – DIMENSÕES TEXTUAIS.....	29
1.4.1 Dimensão contextual.....	30
1.4.2 Dimensão textual.....	31
1.4.3 Dimensão infratextual.....	32
1.4.4 Dimensão intertextual.....	32
1.5 – INFERÊNCIAS.....	33
1.6 – MEDIAÇÃO DO PROFESSOR.....	34
1.6.1 Andaimagem.....	35
1.6.2 Leitura Tutorial.....	38
1.6.2.1 <i>Primeiro momento: Preparação para leitura</i> .....	38
1.6.2.2 <i>Segundo momento: A leitura</i> .....	40
1.6.2.3 <i>Terceiro momento: Após a leitura</i> .....	41
1.6.3 Leitura objetiva, inferencial e avaliativa.....	42
1.6.3.1 <i>Leitura objetiva</i> .....	43
1.6.3.2 <i>Leitura inferencial</i> .....	43
1.6.3.3 <i>Leitura avaliativa</i> .....	44
1.6.4 O uso de gêneros textuais em sala de aula.....	45
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	48
2.1 – PESQUISA QUALITATIVA: ESTUDO DE CASO.....	48
2.2 – A ESCOLA.....	49
2.2.1 A biblioteca.....	49
2.2.2 A sala de aula.....	50
2.3 – OS PARTICIPANTES .....	50
2.3.1 A professora.....	50

3.4.2 Os alunos.....	50
2.4 – PROJETO DE LEITURA DO 4º ANO.....	51
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS.....</b>	<b>54</b>
3.1 – MEDIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA EM SALA DE AULA.....	54
3.1.1 Primeira aula.....	54
3.1.2 Segunda aula.....	59
3.1.3 Terceira aula.....	62
3.1.4 Quarta aula.....	66
3.2 – ANÁLISE GERAL DAS AULAS.....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>PERSPECTIVA PROFISSIONAL.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>76</b>

## MEMORIAL

Nasci em Uberlândia, cidade do interior de Minas Gerais, no dia 11 de setembro de 1989. Uberlândia é uma cidade bastante agradável da qual tenho recordações maravilhosas, pois vivi lá toda a minha infância e ainda continuo viajando para lá sempre que tenho oportunidade. Mudei para Brasília perto de completar 13 anos de idade. Há cerca de oito anos moro em Brasília, gosto deste lugar. No começo, foi bastante difícil a minha adaptação, mas hoje tudo já se tornou muito familiar e trago no peito amizades que sei que vão durar muito tempo ou por toda a minha vida, assim espero.

Sou uma pessoa muito tímida e de “coração mole”, mas muito feliz e apaixonada pela vida, principalmente por ter ao meu lado pessoas a quem amo incondicionalmente: meus pais, meus dois irmãos, meus demais familiares, meus amigos e meu namorado. Com certeza, minha vida sem essas pessoas não seria a mesma, pois muito que já conquistei devo a elas, e claro, a Deus.

Outra coisa sobre mim, que não posso deixar de mencionar, é a minha fé. Sou católica e sempre acreditei em Deus. Sei que independentemente de eu estar bem ou não Ele estará sempre ao meu lado.

Agora vou contar um pouco sobre a minha trajetória escolar. A minha relação com a escola veio antes mesmo de eu ingressar em uma, já que em frente a minha casa havia uma escola de educação infantil onde o meu irmão mais velho estudava. Minha mãe sempre me fala que quando ia atravessar a rua para levá-lo até o portão da escola eu ficava em casa chorando, pedindo para ela também me levar, pois eu imaginava o ambiente escolar como um lugar só de alegria. Por isso, esperava ansiosa pelo meu primeiro dia de aula.

Iniciei a minha vida de estudante com 4 anos de idade na escola Pequeno Polegar. Entrei direto para o Jardim II porque minha mãe já havia me ensinado todas as cores, os números de 0 a 10 e todo o alfabeto. Sabia também até escrever meu nome, mas é claro que, para mim, as letras “desenhadas” ainda não faziam muito sentido, pois eu era muito novinha.

Antes disso, a minha mãe conversou com a diretora para que me aceitasse no Jardim II, mesmo não tendo frequentado a escola ainda. No começo, a diretora não queria aceitar, mas minha mãe insistindo fez com que ela elaborasse vários testes para ver se eu estava apta a

entrar adiantada na escola. Feitos os testes, a diretora aceitou que eu entrasse logo na turma do Jardim II.

O primeiro dia de aula para mim parecia mais uma festa, fui radiante, fiz amizades com várias crianças, e o fato de ter entrado um pouco adiantada não me prejudicou em nada.

Meus pais me dizem que aprender a ler e escrever foi muito natural para mim, que nunca tive problemas e eles se lembram até hoje do primeiro texto que eu li: “O bebê caiu. O bebê bateu a boca”. É um texto pequeno e simples, mas para eles inesquecível. Quanto às estratégias que a professora utilizava na alfabetização eu não me recordo muito bem, só me recordo que elas separavam a sílabas em “famílias”. Ex.: A família do “d” é DA - DE – DI – DO – DU. Ela usava também um caderno de caligrafia que era para a letra ficar bonitinha.

Antes de eu aprender a ler, recebia incentivos dos meus pais. Eles sempre compravam livros infantis para o meu irmão mais velho ler e procuravam ler alguns para mim. Meus pais também diziam que quando eu aprendesse a ler me dariam vários livros coloridos e com histórias de princesas que eram as minhas preferidas.

Assim que aprendi a ler, meus pais me deram o primeiro livro de contos de fada, que contava a história da Branca de Neve e os sete anões. Meu pai conseguiu esse livro na promoção de um posto de gasolina, onde a pessoa abastecia o carro com um determinado valor e ganhava de brinde um desses livros de contos de fadas. Adorei essa ideia, e fazia ele abastecer o carro sempre no mesmo lugar para conseguir toda a coleção. Ganhei o da Cinderela, dos Três Porquinhos, da Chapeuzinho Vermelho, do Gato de Botas, da Bela Adormecida e vários outros dos quais não me recordo. Até pouco tempo atrás ainda guardava comigo esses livros, mas decidi dá-los para o meu tio de outra cidade para doar para crianças que não têm condição de comprar.

Permaneci na escola Pequeno Polegar por dois anos porque lá não era oferecido o Ensino Fundamental, apenas a Educação Infantil.

Ao sair da Educação Infantil, já sabia ler e escrever com facilidade. Quando fui para a primeira série do Ensino Fundamental não tive dificuldades. Recordo-me que a professora chamou criança por criança até sua mesa para ler baixinho para ela um texto. Isso provavelmente era para ver se as crianças estavam com dificuldade na leitura. Quando foi a minha vez, lembro-me de que fiz a leitura com facilidade, e por isso, recebi elogios.

Fiz a 1ª série em uma escola e a 2ª, 3ª e 4ª em outra, que se chama Coronel Carneiro. É uma escola estadual, localizada no centro de Uberlândia.

Nas 3ª e 4ª séries, a minha professora se chamava Rosa. Ela me marcou bastante, pois conseguiu tornar atividades, tarefas de casa e várias outras atividade em um prazer para os alunos, isso porque ela nos incentivava todos os dias. Todos os deveres que ela passava para que fizéssemos em sala ou em casa eram corrigidos por ela. Ela passava de mesa em mesa para ver se todos haviam realizado as tarefas. Quando o caderno estava com as atividades prontas e bem organizadas, ela mostrava para todos da turma e elogiava as atividades de praticamente todos os alunos. Mesmo parecendo que isso pudesse constranger alguns, não o que acontecia, porque ela sabia lidar com os alunos e, dessa forma, despertou em nós a vontade de realizar as tarefas direitinho, não por obrigação, mas porque todos queriam que ela elogiasse e mostrasse o caderno para a turma.

Outra coisa importante a respeito dessa professora é o destaque que ela dava para a leitura. Todas as semanas passava para cada aluno uma ficha bem grande, com um desenho bem bonito e com algum texto. Na semana seguinte nós tínhamos que lhe entregar um resumo do que havia lido, e quem quisesse tinha liberdade de ir a frente da sala contar o que leu para os colegas. Mesmo não sendo obrigatória essa apresentação, muitos alunos aceitavam o desafio. Dos textos partimos para os livros. Em cada sala havia um armário que continha vários livros de literatura infantil, onde os alunos podiam pegar um sempre que terminasse de ler outro. Toda vez que o aluno ia pegar outro livro, ela conversava com ele sobre o que tinha lido. Esse armário fez o maior sucesso e a professora nunca permitiu que ele ficasse esquecido no canto da sala.

Acabando a 4ª série, tive que mudar de escola, pois essa oferecia somente o Ensino Fundamental inicial. Fui estudar, em uma escola estadual perto da minha casa, onde várias de minhas amigas do bairro estudavam, portanto quanto às amizades eu não me senti sozinha porque logo de início já estava cercada por pessoas conhecidas. A minha maior dificuldade no começo dessa nova etapa era lidar com vários professores e também com a falta que a professora anterior fazia. Mas, depois, tudo foi se resolvendo, foi só uma questão de adaptação mesmo. Infelizmente os professores não davam tanto valor para a leitura, a não ser para as que estavam no livro didático, mas a leitura não era por prazer, e sim, por pura obrigação. Permaneci nessa escola durante a 5ª, 6ª e quase toda 7ª série, e então, meu pai recebeu uma boa proposta profissional e tivemos que vir para Brasília.

Essa fase foi uma das mais difíceis em todos os sentidos da vida, principalmente na vida escolar. Chegar a uma escola pública nos últimos três meses de aula não foi nada fácil, pois os grupos de amizade já estavam formados e os professores não me conheciam, mas quanto ao conteúdo das disciplinas foi tranquilo. O problema maior foi com uma professora que, logo no meu terceiro dia de aula, me humilhou na frente de todos na turma. Isso aconteceu porque ela havia passado para a turma antes de eu chegar na escola um questionário com mais de 40 questões para revisão de uma prova, e eu tinha apenas três dias para realizar a atividade. Consegui fazer quase tudo, mas algumas eu não dava conta de responder, pois nem tinha o material necessário ainda. Chegando à sala falei-lhe que não tinha conseguido fazer tudo e uma das suas palavras foram: “Você está achando que só por que é novata, vou ficar passando a mão na sua cabeça?”, isso me fez chorar diante de todos da turma.

No outro dia, eu não queria ir mais à escola, mas não tinha outro jeito, tive que ir. A professora estava arrependida e me chamou para conversar. Pedi desculpas e disse que isso jamais iria se repetir, mas, mesmo assim, eu ainda estava muito triste, chorava praticamente todos os dias. Não conhecia ninguém em Brasília e sentia muito a falta de meus parentes e amigos que ficaram na minha cidade.

Mudei de escola no Ensino Médio, fui para o CEMAB. Estudei nessa escola durante o 1º e 2º ano do Ensino Médio, depois fui para uma escola particular que também ficava em Taguatinga. Essa nova escola foi o Centro de Ensino Stella Maris. No começo foi bem complicado porque o ensino era bem mais puxado que o da escola pública, mas depois fui me adaptando, pois os professores e colegas me acolheram muito bem, eu passava por alguns problemas familiares e todos me ajudaram a superar.

Chegou então a fase que mais atormenta grande parte dos jovens, o vestibular. O sonho dos meus pais na época era que eu fosse dentista, mas eles nunca me forçaram a nada. Eu tinha dúvidas se seguia para odontologia ou para designer de interiores apesar de saber que eu não tinha habilidades para isso. Então, vivia pensando: fazer odontologia iria exigir de mim aulas de anatomia, das quais eu tinha pavor só de imaginar, e também disciplinas de exatas que nunca foram o meu ponto forte, e fazer designer de interiores exigiria de mim habilidades manuais mais sofisticadas para as quais eu não levo muito jeito como já havia dito.



Mesmo assim, logo que sai do Ensino Médio, prestei meu primeiro vestibular em Uberlândia para Designer de Interiores na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), tive que passar por uma prova específica de desenho e como eu já esperava, não fui aprovada. Com isso, minha segunda opção para o vestibular da UFU foi psicologia e, ao mesmo tempo, prestei para odontologia aqui na UnB, mas ainda não estava preparada e não fui aprovada, mas não me apavorei, pois sabia que estava muito nova e não tinha certeza do que eu realmente queria, só sabia que eu queria trabalhar com criança.

Decidi fazer um cursinho preparatório para vestibular por um semestre para ver se isso ajudaria, e ao meio do ano de 2007, prestei vestibular na UFU novamente para odontologia e decidi prestar na UnB para pedagogia, pois havia feito um teste vocacional no cursinho, e o teste me apontou que eu tinha mais vocação para áreas de humanas.

Tive uma boa nota no vestibular da UFU, mas não foi suficiente para ser aprovada, entretanto fiquei muito feliz ao receber a notícia que havia sido aprovada na UnB. Meus pais ficaram radiantes também e disseram que não queriam interferir na minha escolha, mas que era bom eu começar o curso para ver se eu gostaria ou não, e que poderia continuar estudando, se eu quisesse, para tentar novamente odontologia. Todavia disseram-me que eu deveria fazer o que meu coração pedisse.

Pedi muito a Deus para me iluminar, para eu escolher o melhor para mim, e assim que comecei o curso não tive mais dúvidas de que era pedagogia o que eu queria fazer. Lembrei-me da minha infância, de quando adorava brincar de professora.

Meus pais aceitaram a minha decisão sem problemas e ficaram orgulhosos, mas muitos familiares me criticaram e ainda me criticam pela opção de permanecer no curso. Hoje em dia lido muito com as críticas e sei que o mais importante é fazer o aquilo que me deixa feliz.

Nos primeiros dias de aula o meu sentimento era um misto de felicidade, curiosidade e um pouco de medo desse universo que, até então, era desconhecido para mim que ainda não era madura o suficiente comparada a muitos que aqui já estavam. Eu tinha 17 anos quando ingressei na universidade.

Desde o começo do curso pensava no seguinte assunto: “Qual será meu tema de monografia?”, a maioria falava que eu estava me precipitando, que sofria por antecipação, e

que eu deveria viver cada momento no tempo certo. Recebi também algumas sugestões de veteranos, que me acalmaram dizendo que mais à frente eu iria participar de alguns projetos que me ajudariam a ir escolhendo a área que eu achasse mais interessante.

No segundo semestre cursei uma disciplina obrigatória do terceiro semestre, cujo o nome é *O ensino de ciência e tecnologia*, e nela tínhamos que realizar uma pequena pesquisa de campo. Era necessário que cada aluno da matéria escolhesse algum assunto da área, como drogas, corpo humano, dentre outros, para fazer uma entrevista com alguns alunos para saber os conhecimentos que as crianças traziam consigo a respeito desses temas.

Outra parte interessante desse trabalho foi que além da entrevista, tivemos que fazer observações de algumas aulas de ciências das crianças. Eu fiz as minhas observações em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular. Nessa escola não havia aulas de matérias separadas porque os conteúdos eram integrados. O que mais me chamou atenção é que, em praticamente todas as aulas, a compreensão da leitura era sempre explorada. Independentemente do tema que estava sendo abordado, as crianças tinham que saber o que significava aquilo que liam para realizar as atividades de sala e de casa. Outra coisa interessante revelada pelas entrevistas que eu fiz com 8 crianças, era o que pensavam a respeito das drogas. Elas tinham que expor seus conhecimentos prévios sobre o tema. Tinham que falar do que já ouviram falar sobre drogas lícitas e ilícitas.

Logo após a entrevista eu entreguei a cada uma delas um material que explicava o tema da entrevista de forma bem detalhada e de fácil compreensão e depois de lerem vieram conversar comigo espontaneamente que, após a leitura, tinham percebido que ler é importante para esclarecer melhor alguns assuntos, e que nesse caso, ler o livrinho sobre drogas foi bom para uma melhor compreensão desse tema. Esse fato fez a minha atenção se voltar para a importância da leitura, pois vi como por meio dela podemos adquirir novos conhecimentos e também desenvolver o senso crítico.

Na metade do curso, tive aula com a professora Stella Maris, na disciplina Educação em Língua Materna, que ressaltou o meu interesse pelas questões de leitura e compreensão. Durante a disciplina, tive que ir à campo, para fazer uma intervenção em sala de aula. Eu e minha colega fizemos a intervenção em uma turma de 4º ano de uma escola pública. A atividade de leitura realizada com as crianças visava observar se as crianças daquela turma tinham uma familiaridade com o dicionário.

Para isso decidimos pegar a história da Branca de Neve e os Sete Anões, só que nessa história, a qual foi distribuída para os alunos da turma, haviam muitas palavras de um vocabulário mais sofisticado, com o objetivo que eles procurassem os seus significados no dicionário. Para minha surpresa, e também para a da minha colega, as crianças quase não precisaram de dicionário para compreender do que se tratava o significado de muitas palavras que ali estavam porque elas conheciam a história da Branca de Neve, e por isso, já usavam dos seus conhecimentos de mundo para inferir o significado da palavra pelo seu contexto.

No momento em que chegou a hora de participar dos projetos obrigatórios, eram tantos que eu ficava perdida, mas através da experiência anterior, percebi que meu maior interesse estava relacionado à leitura. Fiquei sabendo por meio de algumas colegas sobre o Projeto 3, oferecido pela professora Vera Aparecida Lucas Freitas, na área de alfabetização e linguagem e nele me matriculei, realizando as fases 1, 2 e 3. Foi um ano e meio de estudos e atividades práticas a respeito de leitura, que me fizeram optar por continuar nessa linha de pesquisa.

O Projeto 4, fases 1 e 2, foi cursei com a professora Stella Maris. Segui na mesma linha, estudando cada vez mais sobre compreensão leitora e mediação. Esse projeto envolvia o estágio obrigatório em uma instituição de ensino, escolhida pelo aluno. Optei pelo Centro de Ensino Stella Maris porque é um colégio onde estudei e gosto dos valores que lá são passados. Essa experiência foi maravilhosa para eu ver a realidade de um professor em sala de aula, conhecer os desafios que ele enfrenta no seu dia a dia e também as suas conquistas. Esses dois projetos foram fundamentais para a escolha do tema do trabalho final de curso, pois neles vivi experiências que me ajudaram a visualizar a necessidade de um professor mediador comprometido com a tarefa de formar novos leitores, que não apenas leiam o que está escrito em um pedaço de papel, mas que compreendam o que leem e saibam utilizar o que foi lido no seu cotidiano.

No decorrer do curso, tive que enfrentar várias dificuldades, como a timidez, o medo, problemas familiares e sentimentais, mas, graças a Deus, e também a várias pessoas, que sei que posso confiar, tudo foi superado e nunca desisti de continuar.

O curso de pedagogia modificou muitos aspectos da minha concepção a respeito do curso. A imagem que eu fazia de um professor era de alguém muito importante na nossa sociedade, mas não fazia ideia da proporção dessa importância. Percebi que o papel do

professor vai muito além de ministrar aulas e ajudar seus alunos a assimilar conteúdos. O professor além de formar futuros bons profissionais, deve formar cidadãos comprometidos com a sociedade e que saibam aplicar conhecimentos vistos em sala de aula na sua vida social.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia e tem como foco as práticas de mediação do professor que influenciam na compreensão leitora dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

A minha experiência como graduanda em pedagogia tem mostrado que a mediação da leitura nem sempre tem alcançado os resultados desejados em sala de aula. Nota-se que os professores têm enfrentado muitas dificuldades em desenvolver a tarefa de tornarem seus alunos leitores competentes e que saibam fazer uso da leitura e da escrita em qualquer situação que seja necessária.

Sabemos que a leitura é uma atividade altamente relevante nos dias atuais não somente para a vida escolar de um aluno, mas também para a sua vida social. Acontece que, as práticas de leitura ocorrem com maior frequência em ambientes escolares e estão presentes em todas as disciplinas, portanto é o professor a pessoa que está mais presente durante os momentos de leitura dos alunos. Sabendo disso, a questão explorada nesse trabalho é: “*A mediação em sala de aula feita de forma mais competente ajudaria os alunos a trabalhar com mais facilidade com textos?*”. Por isso, o foco deste trabalho e da pesquisa realizada para o mesmo é, como ocorre a mediação da professora em sala de aula.

Visando a responder a pergunta exploratória citada acima, o principal objetivo da pesquisa que compõe esse trabalho é observar em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular, localizada em Taguatinga-DF, como ocorre a mediação entre professora e alunos e investigar se a forma que ela utiliza qualquer texto em sala de aula colabora para que os alunos tenham uma boa compreensão leitora.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

1. Observar se a professora escolhe textos de gêneros variados que estimulem o interesse dos alunos pela leitura.
2. Observar se a professora faz perguntas objetivas, inferenciais e avaliativas, visando à compreensão explícita, implícita e avaliativa do texto.

3. Observar se a professora realiza com seus alunos algumas atividades orais ou escritas antes e após a leitura do texto.
4. Observar se durante as aulas, a professora fornece andaimes aos alunos quando algum demonstra dificuldade ou erra algo.

Algumas subasserções guiaram-me durante a pesquisa, todas elas derivadas da asserção geral que é: Mediações de leitura realizadas em sala de aula, levando em consideração o conhecimento prévio do aluno colaboram para que ele tenha uma boa compreensão leitora.

As subasserções são:

1. A escolha de textos de gêneros variados estimula o interesse do aluno pela leitura ensejando, cada vez mais, o desenvolvimento de habilidades para a compreensão leitora.
2. Quando a professora faz perguntas adequadas ao conteúdo e ao que se deseja alcançar com a leitura de um texto, mobiliza a capacidade de compreensão leitora de seus alunos.
3. Atividades preparatórias para a leitura ativam os conhecimentos prévios e a capacidade de inferência dos alunos, portanto funcionam como facilitadoras da boa compreensão do texto.
4. O professor que fornece andaimes ao seu aluno durante a leitura age como um mediador e agente letrado competente.

O trabalho está estruturado em três partes. A primeira parte é constituída pelo **Memorial** que traz algumas lembranças relevantes da minha vida escolar e acadêmica. Para construir um memorial, é necessário que se faça uma reflexão de vivências que foram realmente significantes para a formação e aprendizagem do estudante.

Na segunda parte, está presente o **texto monográfico**, que se constitui de três capítulos. **O primeiro capítulo** trata da revisão de literatura. Nele serão abordados alguns conceitos de diversos autores a respeito dos temas ligados à compreensão leitora e práticas de mediação da leitura em sala de aula. **O segundo capítulo** descreve a metodologia utilizada

definindo esta investigação como uma pesquisa qualitativa, e também aborda características do espaço de observação e dos participantes estudados na pesquisa. **O terceiro capítulo** apresenta as descrições das aulas observadas juntamente com as suas análises. As observações foram realizadas durante o estágio de cunho obrigatório do curso de pedagogia, já que nesse foi possível entrar em contato com professor e aluno dentro de sala de aula e conhecer a relação que eles estabelecem entre si, podendo observar de perto a atuação da professora durante os trabalhos que envolvam leitura.

A terceira e última parte do trabalho apresenta a minha **perspectiva profissional** como pedagoga. Neste momento é descrito sobre ações futuras que pretendo realizar através dos conhecimentos adquiridos durante toda a minha graduação.

Muitas obras já foram realizadas dentro do tema de compreensão leitora e mediação, e muitos estudiosos e pesquisadores ainda discutem a respeito do assunto, mas, mesmo assim, com várias discussões na área, ainda se torna necessário continuar a investigação a respeito da questão devido a sua importância. A sociedade tem exigido das pessoas habilidades de leitura cada vez mais complexas, e ser alfabetizado somente já não basta, é necessário que a linguagem escrita seja compreendida, e que as pessoas saibam fazer uso da leitura e da escrita no seu dia a dia.

Algumas pesquisas têm apresentado que o número de pessoas analfabetas tem diminuído nos últimos anos, porém existe outro problema, que é tão preocupante quanto o analfabetismo. Esse problema é o que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) conceitua como analfabetismo funcional, nesse caso o indivíduo sabe ler e escrever, mas não consegue compreender o sentido dos textos. Isso prejudica-o no seu desenvolvimento escolar e futura vida profissional, trazendo consequências para a sua vida social. O Brasil já chegou a investir cerca de 700 milhões no programa Brasil Alfabetizado<sup>1</sup> e, mesmo assim, grande parte dos estudantes ainda é considerada analfabeta funcional.

Segundo o que consta na Edição Especial dos Parâmetros Curriculares Nacionais, da revista Nova Escola, ensinar as crianças a ler e a escrever não é uma tarefa simples, é um desafio enfrentado pelos professores das primeiras séries do Ensino Fundamental. Ainda consta na revista que o índice de repetência e de abandono escolar no Brasil é um dos mais

---

<sup>1</sup> O programa Brasil alfabetizado é voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

altos do mundo, sendo fruto, principalmente, da dificuldade que nossas escolas encontram em ensinar a ler e escrever.

Sendo assim, é possível mencionar que a mediação do professor nos processos de alfabetização e letramento nem sempre e nem em todos os lugares está acontecendo de forma eficaz, por isso há a necessidade de o professor ser verdadeiramente um agente letrador, promovendo a mediação nas atividades de leitura e compreensão de textos para que seus alunos se tornem leitores competentes.

A relevância do tema deste trabalho justifica-se pela importância da leitura na sociedade letrada e por saber que futuramente poderei assumir a missão de estar em uma sala de aula, como mediadora na construção do conhecimento dos alunos.



## CAPÍTULO 1 – LEITURA E MEDIAÇÃO

Este capítulo apresenta primeiramente alguns conceitos ligados à compreensão da língua escrita. Em seguida, aborda algumas estratégias que o professor mediador da leitura deve utilizar em sala de aula visando desenvolver nos seus alunos habilidades de leitura que os permitirão compreender desde um texto simples até um de maior complexidade, nos qual nem todas as informações vão se encontrar explicitamente durante a leitura.

### 1.1 O QUE É LETRAMENTO?

O letramento é atualmente um termo bastante discutido entre vários pesquisadores. De acordo com Soares (1998) o letramento pode ser entendido como

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (p. 18)

Scribner e Cole (1981 *apud* KLEIMAN 1995) definem o letramento como sendo

Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (p. 19)

Como podemos perceber, o termo letramento tem sido muito utilizado para nomear as habilidades de leitura e escrita utilizadas em práticas sociais, inclusive nos ambientes profissionais. Para alguns autores, o termo surgiu através das novas demandas da sociedade, que está cada vez mais centrada no uso da escrita (GADOTTI 2005, p. 48).

Soares (2005, p. 50), explica o surgimento do letramento dizendo que por muito tempo, a palavra alfabetização foi o suficiente para definir a aprendizagem inicial da língua escrita. Segundo ela, o significado de alfabetização sempre foi consensual na área educacional, sendo definida como: “o processo de ensinar e/ou aprender o sistema de escrita”. No entanto, nos últimos anos o conceito de alfabetização foi passando por algumas alterações. Sendo que, a mediada que os índices de analfabetismo foram diminuindo, os usos e funções

da escrita também foram se modificando. Com isso, somente saber ler e escrever não é mais suficiente.

Com o surgimento desse novo termo, surgiram também dúvidas a respeito dos conceitos de letramento e alfabetização. A autora Magda Soares (2003, p.5 apud CARVALHO, 2009, p.65), diz que aqui no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramentos se misturam e se confundem. Isso do ponto de vista da autora não é algo positivo, pois são processos que mesmo estando interligados, possuem conceitos diferentes. Ela esclarece essa diferença dizendo que alfabetizar é ensinar o código alfabético, e letrar seria fazer com que o aluno desenvolvesse a habilidade de usar a leitura e a escrita na sua vida social, como por exemplo, deixar um lembrete pregado na geladeira para lembrar alguém de algo importante.

A autora diz ainda que as pessoas alfabetizadas são aquelas que conhecem o código alfabético, os sons que cada letra representa, tornando-as aptas a ler palavras, frases e textos, porém isso não significa necessariamente que elas saberão fazer o uso social da leitura e escrita como já foi dito anteriormente. Quanto à isso ela diz o seguinte:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES, 1998, p.39)

Deve ser lembrado que nem todas as pessoas que aprendem a ler e a escrever têm um contato frequente com jornais, revistas, documentos e vários outros gêneros textuais com os quais diariamente entramos em contato, significando que, mesmo alfabetizadas, terão maior dificuldade de realizar práticas de letramento no seu dia a dia devido à não familiaridade com diversos gêneros textuais. Podemos ver então que uma pessoa letrada não tem como habilidade somente saber ler e escrever, mas principalmente sabe utilizar esses conhecimentos para lidar com sua vida social.

Uma pergunta frequente a respeito do tema é: *Pode uma pessoa não alfabetizada ser letrada?* Muitos pesquisadores da área de alfabetização e letramento realizam estudos para ver como fica o indivíduo não alfabetizado vivendo em uma sociedade letrada como é a nossa sociedade atual. Muitos desses estudos mostram que mesmo pessoas que não são alfabetizadas possuem no seu dia a dia alguma prática de letramento, sendo, portanto, pessoas letradas. Isso pode ser visto na fala de Soares (2003):

A alfabetização, aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para letramento. (p. 16)

Dessa forma, a autora mostra-nos que o conceito de letramento é diferente do de alfabetização. Um indivíduo pode ter um mínimo grau de letramento mesmo não sendo alfabetizado.

Segundo Tfouni (2000, p.23), não existe o termo “iletrado”, significando, então que, nas sociedades modernas o letramento “grau zero” é inexistente. O que existe de fato são “graus de letramento” e não a sua inexistência. Sendo assim, qualquer pessoa que não seja alfabetizada terá algum grau de letramento porque ela está inserida em uma sociedade na qual a escrita está presente em vários momentos do cotidiano como, por exemplo, fazer compras, pegar um ônibus, seguir instruções de uma receita, contar dinheiro, entre outras atividades.

Podemos dizer, portanto, que em uma sociedade altamente letrada como a nossa, é comum que se encontre pessoas que não saibam ler e nem escrever, mas que realizam atividades cotidianas semelhantes à de pessoas que são alfabetizadas.

Contudo, ao se falar em letramento não se deve esquecer a importância da alfabetização. Para Soares (2003, p.16 – 17), ela não pode ser desprezada (desinventada), pois tem suas especificidades. O importante é que ela não seja vista somente como uma técnica isolada, em que primeiro as crianças aprendem a ler e a escrever para somente depois fazerem o uso do que aprenderam. Na verdade é importante, que as duas aprendizagens aconteçam concomitantemente, pois, segundo a autora, uma não é pré-requisito da outra.

## **1.2 - LEITURA**

A leitura hoje em dia é algo bastante natural entre os seres humanos, mas nem todos que leem compreendem o que estão lendo. Isso significa que bons hábitos de leitura não são somente ler palavras soltas em um texto, é necessário que elas façam sentido. É interessante analisar a etimologia da palavra “ler”, pois nela esse aspecto da compreensão e da interpretação fica mais claro.

Graça Paulino e outros pesquisadores (2001, p. 11), ao discutirem o conceito de leitura, partem da etimologia da palavra ler, que vem do latim *legere*. Segundo as autoras, na origem do vocábulo, encontram-se três significados: primeiro, ler significa soletrar, agrupar as letras em sílabas; segundo, ler está relacionado ao ato de colher, a leitura passa a ser a busca de sentidos no interior do texto, nessa concepção os sentidos vivem no texto, basta que eles sejam retirados, colhidos como uvas no vinhedo; e, terceiro e último sentido apontado vincula o ler ao roubar, isto é, o leitor tem a possibilidade de tirar do texto sentidos que estavam ocultos, o leitor cria até significados que, em princípio, não tinha autorização para construir. Nesta última concepção, o sentido nasce das vontades do leitor – o autor escreve o texto, mas quem lhe confere vida é o leitor (GRAÇA PAULINO, 2001, p. 11 *apud* FACHINETTO e RAMOS, p. 2).

Para Koch e Elias (2006, p. 9-11), a leitura pode ser vista em três focos: Foco no autor, foco no texto e foco na interação autor-texto-leitor.

No primeiro foco, a leitura é entendida como uma atividade de captação das intenções do autor, o importante é que o leitor consiga compreender a ideia do autor. No segundo foco, a atenção está voltada para o texto, cabendo ao leitor o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. E no último foco, a leitura é vista como uma atividade de interação bastante complexa de produção de sentidos.

A leitura é uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além das pistas de sinalizações que o texto oferece, entram em jogo os conhecimentos do leitor. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 37)

Segundo as autoras, a leitura é então, uma atividade para a qual se devem levar em consideração as experiências e os conhecimentos que o leitor traz na sua bagagem, pois o sentido do texto nem sempre estará explícito durante a leitura, portanto ele deverá ser construído pelo leitor, que se utilizará das “pistas” que o autor fornece durante o texto e também do conhecimento que já possui sobre o tema para uma plena compreensão. Por isso elas destacam que “a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor” (p. 35), pois o autor nem sempre apresentará um texto completo, no qual as informações possam ser encontradas na superfície do texto e sendo assim, é necessário que o leitor complete as informações por meio de seus conhecimentos armazenados na memória.

### 1.3 - COMPREENSÃO LEITORA

Para muitas pessoas, fazer a leitura de um texto escrito é algo simples, que não requer muitas habilidades. Todavia, apenas ler e escrever não significa que o leitor de fato compreende o que lê, pois para que a compreensão leitora aconteça é necessário que o leitor tenha uma série de conhecimentos, para tornar esse processo mais produtivo, considerando a sua complexidade.

De acordo com Allende, Condemarín e Milicic (1982, apud Flores, 2007, p. 54) a compreensão da língua escrita é um tanto complexa. Compartilha dessa ideia Aguiar (2005, p. 27), que diz que a compreensão da leitura é um processo complexo, e que não envolve somente a estrutura textual, mas também, envolve o conhecimento de mundo do leitor na relação com o texto. Flores (2007, p. 54) explica essa complexidade, dizendo que a compreensão de “um texto escrito é uma atividade cognitiva exigente, não sendo uma habilidade natural, herdada.” Sendo assim, a criança ao se apropriar dos códigos alfabéticos, deverá desenvolver habilidades que vão além da decodificação de palavras e frases, para que essa se torne capaz de ler e compreender e não somente decodificar.

Algo que também deve ser lembrado ao se falar em compreensão de um texto é a concepção de mundo que cada indivíduo possui, pois cada pessoa origina-se de grupos que carregam suas crenças, expectativas e valores que são construídos coletivamente, e é por isso que cada um terá seu modo de analisar e compreender o mundo de forma comum aos outros integrantes do grupo. Portanto, a forma pela qual compreendemos o mundo é constituída através das interações com grupo no qual estamos inseridos. Isso significa que as experiências já vividas, as nossas crenças e o conhecimento de mundo influenciam na nossa compreensão.

Sendo assim, Flores (2007, p. 54) informa que “ninguém começa a ler sem ter nada na cabeça”, pois, desde o nascimento, o ser humano, por estar inserido em uma sociedade, vai construindo o seu conhecimento de mundo e a sua forma de ver a realidade. Assim, a criança antes de começar a ler não se encontra com a mente “vazia” de conhecimentos, pois o cérebro do ser humano não é um local a ser preenchido somente por informações adquiridas na escola.

Ainda falando sobre a influência que a cultura assume no processo de compreensão, Searle (1997, p. 57, apud FLORES, 2007, p. 56) diz que, é necessário que o locutor ou autor e o ouvinte ou leitor compartilhem de um conjunto de convenções para que possam comunicar

diferentes tipos de textos. Koch e Elias (2006, p. 61) explica que para duas ou mais pessoas se compreenderem, é necessário que os seus conhecimentos sejam parcialmente semelhantes.

Flores (2007, p.56) esclarece a importância de se levar em consideração os conhecimentos enciclopédicos dos leitores dando o exemplo da “vaca sagrada” dos hindus. Ela explica dizendo que o animal faz parte da realidade física e que a vaca é uma vaca em qualquer lugar do mundo. No entanto, a compreensão que se tem a respeito desse animal não é idêntica em todos os cantos do mundo. As ideias a respeito da vaca podem variar de acordo com a cultura de cada povo. Um exemplo disso é que, para nós, brasileiros, e também para a população de vários outros países, a vaca é vista como um animal que serve tanto para a produção de leite como também de alimento para o ser humano. Já na Índia, a ideia a respeito desse animal é outra, pois ela é vista como um animal sagrado e que deve ser muito bem tratado, tanto é que elas vivem livremente nas ruas.

Esse exemplo mostra que a compreensão de mundo não deve ser avaliada de forma unilateral, pois muitas vezes envolve mais que aspectos cognitivos, envolvem também sentimentos, crenças e a realidade do leitor.

E como a “leitura de mundo precede a leitura do texto”<sup>2</sup> (Freire apud GADOTTI 2005, p. 48), a leitura de um texto idêntico sobre jogos eletrônicos por dois grupos de crianças será diferente. Suponha um dos grupos formado por crianças nascidas em famílias de condição financeira mais elevada, que residem em grandes cidades e que tenham um maior contato com o mundo das novas tecnologias; e, o outro grupo, seria de crianças que se encontram em ambientes rurais pouco desenvolvidos em que o acesso a essas tecnologias não exista, ou seja, mais restrito.

Ambos os grupos nesse caso, sabem ler e escrever. Só que devido aos conhecimentos de mundo diferentes, as crianças do primeiro grupo terão uma compreensão melhor acerca do tema, pois para elas o assunto é familiar, ao contrário do segundo grupo que não tem acesso aos conhecimentos das novas tecnologias. Nesse caso, não significa que as crianças do outro grupo não terão uma boa compreensão por uma questão intelectual, mas sim porque o conteúdo do texto lido não fará parte da realidade delas.

---

<sup>2</sup> Paulo Freire apresenta em sua obra “Importância do ato de ler: Em três artigos que se completam” que a leitura de mundo sempre precede a leitura da palavra, já que a leitura de mundo é fundamental para a compreensão de um texto. Para ele, muito antes de inventarem os códigos linguísticos, o ser humano já lia o seu mundo.

Exemplos como esses citados acima, demonstram as dificuldades de se avaliar a compreensão leitora, pois através deles é possível perceber que o compreender envolve o modo ver a realidade, os juízos de valor, as crenças, os desejos e os sentimentos. Sendo assim, o compreender envolve conhecimentos de mundo, aspectos cognitivos e emoção que se encontram interligados no momento da leitura. (Alliende, Condemarín e Milicic apud FLORES, 2007, p. 57)

Podemos dizer então que o conhecimento de mundo é fundamental para a compreensão de um texto. Todavia, existem vários aspectos, que também são considerados importantes para que a compreensão leitora ocorra de forma eficaz, como, por exemplo, as estratégias de leitura utilizadas pelo leitor, a dimensão textual, o uso de diferentes gêneros textuais em sala de aula, a capacidade de fazer inferências e claro, a mediação do professor nesse processo, que é muito importante.

#### **1.4 - DIMENSÕES TEXTUAIS**

No nosso cotidiano é comum encontramos textos orais (diálogos, conversas, palestras etc.), textos não-verbais (gestos, figuras etc.) e os textos escritos, que podem ir de um conjunto pequeno de frases até um material que contenha várias e várias páginas.

Bortone (2004, p. 13) conceitua o texto como sendo a concretização de um discurso, e que uma ocorrência linguística para ser de fato um texto, é necessário ser coerente e percebida pelo leitor como algo significativo, ou seja, que faça para ele sentido.

Normalmente, em sala de aula são muito usados os textos escritos. Fazer com que os alunos consigam captar as mensagens que não estão na superfície desses textos nem sempre é uma tarefa fácil, mas é fundamental para tornar essas crianças leitores competentes, pois segundo Bortone (2004, p. 12), os alunos que captam informações somente da superfície do texto, estão mais decodificando as palavras do que realmente compreendendo-o no todo.

Existem quatro dimensões do texto que são necessárias para que os alunos alcancem uma boa compreensão da leitura. Essas dimensões serão abordadas a seguir.

### 1.4.1 – Dimensão Contextual

Quantas vezes já aconteceu de lermos um texto e nos depararmos com uma palavra que não conhecemos o significado? Entretanto, partindo do nosso conhecimento de mundo conseguimos, por vezes, compreendê-la sem buscar o seu significado no dicionário. Isso é algo que nos acontece frequentemente, pois o contexto e o nosso conhecimento de mundo são bons aliados para uma boa compreensão leitora.

Se em algum texto apresentar a seguinte frase: **“Ocê tá convidado a vim comemorar com nós! Vai tê um monte de comida boa. Vai tê pipoca, canjica, pé de muleque, quentão e muito mais!”**, provavelmente um brasileiro saberá que o convite se refere a uma festa junina. Isso ocorre porque reconhecemos a forma como o convite está escrito e as comidas que serão servidas na festa como características específicas dessa festa. Utilizamos para isso o nosso conhecimento de mundo para compreendermos do que se trata o texto.

Para haver uma adequada compreensão do texto, muitas vezes temos de partilhar com o autor informações que são culturalmente e socialmente determinadas. Essas informações, embora não estejam explícitas, são compreendidas pelo nosso conhecimento de mundo. (BORTONE, 2004, p. 15)

O conhecimento de mundo, que foi aqui mencionado, pode ser chamado também como conhecimento pragmático-cultural, que são informações que, como já pudemos perceber, estão relacionadas às vivências, às crenças, enfim, à cultura a qual o indivíduo se encontra e que como vimos acima é necessário que muitas dessas informações sejam pelo menos semelhantes às do autor do texto, de forma a facilitar a compreensão, pois é muito mais fácil compreender um texto de um tema familiar do que um texto com um assunto totalmente desconhecido.

Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos (enciclopédico, sociointeracional, procedural, textual etc.) devem ser, ao menos em parte, compartilhados, uma vez que é impossível duas pessoas partilharem exatamente os mesmos conhecimentos. ( KOCH e ELIAS, 2006, p. 61)



A dimensão contextual engloba alguns aspectos como a intencionalidade e a informatividade. Esses aspectos colaboram para situar o texto em uma dimensão sociocomunicativa, que é “aquela dimensão que está vinculada ao contexto social e cultural em que se insere o texto; é a relação do mundo real com o textual.” (BORTONE, 2004, p.13).

Bortone (2004, p. 13), também explica que a **intencionalidade** representa as intenções que autor tem ao escrever um texto, ou seja, se ele pretende provocar emoções no leitor, convencê-lo de alguma coisa ou se é apenas para passar informações. Pode-se perceber que sobre a questão da intencionalidade do autor, que é muito importante os leitores terem um vasto conhecimento a respeito de vários gêneros textuais, pois, assim, será mais fácil que ele compreenda a sua verdadeira intenção, como por exemplo, se o autor está sendo irônico ou se está dando uma opinião verdadeira.

No aspecto da **informatividade**, a autora explica que são as informações novas ou já conhecidas pelo leitor que vão constituir ou que já constituem seu conhecimento de mundo. É importante ressaltar que, se um texto traz muitas informações novas, provavelmente ele será mais complicado de se compreender do que um que já nos apresenta um conteúdo mais familiar. Para compreender bem um texto é necessário também que se identifique a época de sua produção, pois algo escrito há muito tempo pode não representar as ideias do nosso tempo.

#### **1.4.2 – Dimensão Textual**

Na construção textual destacam-se alguns fatores como a coesão, o vocabulário e a coerência. Cada um desses fatores são fundamentais para que ocorra uma efetiva compreensão. Bortone (2004, p. 14) explica bem cada um desses fatores.

Quanto à **coesão**, a autora ensina que em um texto existem os elementos coesivos, que colaboram para que haja uma boa compreensão daquilo que está sendo lido. Entre as palavras que representam esses elementos podemos destacar os sinônimos, pronomes e as repetições, lembrando que, palavra ou palavras que possuam o mesmo significado, aparecem várias vezes no decorrer da leitura e têm o papel de mostrar ao leitor qual é foco do texto.

O **vocabulário do texto** está ligado ao seu contexto e as palavras serão escolhidas de acordo com o efeito que o autor quiser causar no leitor. O vocabulário estará também

ligado à informatividade, pois as palavras usadas em um texto de uma época diferente da atual provavelmente serão diferenciadas.

Um texto com **coerência** certamente será um texto bem organizado e terá uma sequência lógica: começo, meio e fim. O texto deverá ser também organizado estruturalmente dentro do gênero escolhido pelo autor, isso fará com que logo de início o leitor que conheça vários gêneros se identifique com o que irá ler.

Pode-se perceber então que a dimensão textual tem como características elementos que se encontram no texto que facilitam a compreensão leitora.

### **1.4.3 – Dimensão Infratextual**

Na perspectiva de Bortone (2004, p. 14) essa dimensão é fundamental para a compreensão leitora, pois o infratexto é “tudo aquilo que está abaixo da superfície do texto, e que é decisivo para a sua coerência.”

A explicação para isso é que, cada texto traz em si muitas informações que não se encontram na sua superfície, então, para que a compreensão não fique prejudicada é necessário que o aluno infira essas informações para que o texto tenha um sentido. Essas informações são chamadas de inferências que são construídas visando preencher as lacunas que surgem durante a leitura.

As inferências são muito importantes no processo de compreensão leitora. Exatamente por isso elas serão tratadas de forma detalhada mais a frente.

### **1.4.4 – Dimensão Intertextual**

Esta dimensão pode ser identificada quando se encontram, no texto lido, referências de textos já lidos anteriormente. Nas lições de Bortone (2007, p. 19) o texto com característica intertextual é aquele que remete a outro texto. Só que o novo texto ganha um novo significado.

Segundo a autora a intertextualidade pode ocorrer por meio de paráfrase (Utiliza idéias de um texto para reforçar outra) e por meio de paródia (retoma as ideias de um texto, mas modifica os seus significados, utilizando-se muitas vezes do humor).

Trabalhar com a intertextualidade é importante para que a criança aprenda a relacionar um texto com outros já lidos, vendo as suas semelhanças e diferenças. Para Koch (2004 *apud* BORTONE, 2007, p. 41) é importante usar textos intertextuais porque por meio de diversas leituras será possível promover a compreensão mais ampla daquilo que é lido.

## 1.5 – INFERÊNCIAS

Como podemos perceber, o processo inferencial se encaixa na dimensão infratextual, que é para Bortone (2004, p. 17) “tudo aquilo que está abaixo da superfície do texto, e que é decisivo para a sua coerência.”, ou seja, são informações que se encontram implícitas no texto. Será fundamental que o aluno infira essas informações para que o texto faça sentido. Ainda sobre a perspectiva da autora, as inferências podem ser compreendidas como estratégia de leitura que visa à possibilitar ao leitor a capacidade de ler o que não está na superfície do texto.

Durante a leitura de vários textos será possível perceber que nem todas as informações estão explícitas no texto, mas que o autor nos fornece algumas pistas que nos ajudam na compreensão, pois estas pistas nos trazem informações de conhecimentos de mundo que temos semelhantes ao do autor e de várias outras pessoas da nossa sociedade.

Dell’isola (2001,p. 44), que fez um exaustivo trabalho sobre inferências, esclarece que inferência é uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais e organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os “vazios textuais”. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros. (Dell’isola 2001, p. 44 *apud* BORTONE 2004, p.18)

Podemos dizer que as inferências estão intimamente relacionadas com a dimensão contextual, pois no nosso cotidiano é comum inferirmos várias informações devido ao nosso conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico.

Fica claro a importância da inferência para a compreensão leitora, pois para Bortone (2004, p. 19) um texto só faz sentido quando compreendemos não só o que está explícito nele, mas também sabemos compreender as informações que não aparecem claramente

durante a leitura. Essas informações surgem através das pistas que o autor nos fornece na superfície do texto. Ainda sobre o olhar da autora (p. 20), utilizamos do processo inferencial quando necessitamos tirar conclusões sobre o que ouvimos e lemos, ou seja, procuramos compreender o significado daquilo que o falante ou autor pretendeu transmitir através da fala ou da escrita.

Destacamos então que as inferências são uns dos aspectos fundamentais para que o aluno atinja uma compreensão leitora que o permita compreender o texto na sua totalidade. Acontece, que as crianças nem sempre conseguirão de início realizar inferências, necessitando portanto, da mediação do professor durante atividades relacionadas a leitura. O nosso foco a seguir será: o professor como mediador da leitura.

## **1.6 – MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

Falar em mediação é de certa forma falar também de interações entre pessoas e objetos. Isso nos remete a abordagem histórico-cultural tratada por Vygotsky, na qual a construção do conhecimento se dá por meio das relações humanas.

Segundo Vygotsky (1998 *apud* LEITE, LEITE e PRANDI, 2009, p. 206), o que mais tem influencia na formação e desenvolvimento de uma pessoa são as interações sociais, pois são elas que fornecem instrumentos e símbolos que fazem a mediação do indivíduo com o mundo. Com essa mediação a pessoa recebe elementos necessários para a formação dos mecanismos psicológicos que vão ajudar no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Vygotsky (1991, *apud* LEITE, LEITE e PRANDI, 2009, p. 209), enxerga o ser humano como um ser social e que necessita da interferência de outras pessoas em todos os aspectos da vida para que o desenvolvimento aconteça. Percebe-se então que para uma pessoa se desenvolva é fundamental que ela seja mediada por alguém, sejam seus pais, avós ou quem mais for esses mediadores.

Normalmente a mediação ocorre mais fortemente na escola, que é um ambiente de troca de experiências que propiciam a aprendizagem. Esse ambiente é um local onde a vida coletiva e as interações ficam mais em evidência. Para que os alunos aprendam os conteúdos escolares, ele necessitará da mediação do professor ou dos colegas.

Quanto à leitura, isso não é diferente, as crianças necessitam que alguém as auxilie no processo de compreensão leitora, e na maioria desses casos, o principal mediador é aquele que se encontra em sala de aula, o professor. Então, para que essas crianças leiam e compreendam o que estão lendo é necessário que o professor assuma esse papel de mediador para facilitar o processo de adquirir a habilidade necessária para se tornar um leitor competente.

Essa mediação relacionada à leitura e compreensão de texto não deve ocorrer somente em aulas específicas de português e literatura, mas sim, em todas as disciplinas, pois a leitura perpassa todas as áreas do conhecimento. (Kleiman e Morais, 1999 *apud* BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010, p. 52)

Isso nos mostra que o professor, dentro de sala de aula, deve dar atenção especial à leitura, pois ela está presente em todas as matérias que serão ministradas, e algo que pode ajudar bastante nesse caminho de mediação é despertar nas crianças o gosto de ler, pois fazemos bem aquilo que gostamos de fazer.

Buscar que os alunos desenvolvam a habilidade de compreender e interpretar bem um texto, e quem saiba fazer uso desta competência no seu dia a dia, não é uma tarefa tão simples, e segundo Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 26) os desafios aumentam quando o trabalho deve ser realizado com um maior número de alunos simultaneamente, mas que isso não é motivo para desinteresse, pois as autoras dizem encontrar evidências de que um bom trabalho de mediação e andaimagem no que diz respeito a leitura, pode gerar ótimos resultados.

Há, portanto, algumas práticas e estratégias que um professor mediador deve utilizar em sala de aula com suas crianças, que vão contribuir para que a compreensão leitora seja atingida. Deve ser considerado também que a metodologia utilizada nesse processo pode variar de acordo com o objetivo da aula, com o gênero textual a ser utilizado, e claro, de acordo com as especificidades de cada turma e das particularidades de seus alunos. A seguir serão trabalhadas algumas estratégias que o docente pode usar nas aulas que envolvam leitura.

### **1.6.1 - Andaimagem**

A sala de aula pode ser vista como um ambiente de interação entre alunos-alunos e professor-aluno. Qualquer um destes integrantes pode ser compreendido como mediadores,

mas é evidente que o professor, na maioria das vezes, apresentará um maior conhecimento em determinados assuntos, devido à sua experiência.

É comum que em uma turma de alunos existam dúvidas e dificuldades que, de certa forma, podem prejudicar a compreensão do que se está lendo, e nesse momento é de grande importância que alguém com maior experiência no assunto intervenha utilizando-se de **andaimes** para ajudar esses alunos a completarem e esclarecerem informações que não estavam claras no texto e que ele sozinho não pode entender.

Bortoni-Ricardo (2010, p.26) explica o que é andaime e onde ele pode ser aplicado da seguinte forma:

Andaime é um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz. O trabalho de andaimagem é mais frequentemente analisado como uma estratégia instrucional no domínio da escola, mas, de fato, pode ocorrer em qualquer ambiente social onde tenham lugar processos de sociabilização.

Percebe-se que o andaime acontece por meio de um auxílio prestado por alguém considerado mais experiente, não significando que será somente o professor o mais experiente. É comum grupos de crianças receberem andaime de outras crianças em várias situações, sendo também, dessa forma, mediadoras de algum conhecimento.

Acontece que dentro de uma turma, o professor assumirá, na maioria das vezes, frente aos conteúdos escolares, uma maior experiência por já trazer consigo toda uma formação que o permite estar em sala de aula para colaborar na aprendizagem de seus alunos, e por isso deverá colocar em prática a pedagogia da andaimagem, visando principalmente a que seus alunos sejam capazes de ler e compreender um texto (escrito ou falado).

Práticas de andaimagem podem ocorrer em qualquer ambiente onde exista interação. Sendo a escola um local no qual estas práticas se encontram visíveis, principalmente na atuação do professor que deverá fornecer andaime aos seus alunos visando que eles adquiram uma boa compreensão leitora.

Existe também de acordo com Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 27) um conceito que é importante e está ligado a andaimagem, que é o de pistas de contextualização, originado da sociolinguística gumperziana.

Gumperz (2003 apud BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010) explica as “pistas de contextualização” como sendo:

...quaisquer sinais verbais ou não verbais que, processados juntamente com elementos simbólicos gramaticais ou lexicais, servem para construir a base contextual para a interpretação localizada, afetando assim a forma como as mensagens são compreendidas. (p.27)

Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) também explicam que essas pistas se dão através de traços prosódicos, cinésicos e proxêmicos. Os traços prosódicos são a altura, o tom, a intensidade e o ritmo da fala; os traços cinésicos são as expressões faciais, a direção e o jeito de olhar que o mediador utiliza durante a fala, e por fim, os traços proxêmicos é distância que separa o mediador do mediado.

Esses traços das pistas de contextualização apontam-nos que, durante a mediação da leitura, existem vários fatores que muitas vezes consideramos simples, mas que são de fundamental importância para que os leitores compreendam o texto e a sua intencionalidade, um exemplo disso é o tom de voz que o professor utiliza ao contar uma historinha para os alunos.

Os andaimes relacionados ao discurso de sala de aula estão ligados às “iniciações de um evento de fala pelo professor, e as suas avaliações das respostas do aluno” (Bortoni-Ricardo, 2010). Podemos considerar então o modelo tripartite IRA (iniciação, resposta e avaliação).

Para que um aluno atinja certo nível de compreensão leitora, será necessário que o professor faça intervenções quando o pensamento do aluno não for correto ou estiver incompleto, permitindo que ele possa “reconceptualizar” a sua ideia original. Segundo Cazden (1998, apud BORTONI-RICARDO, 2010, p. 28), a reconceptualização está relacionada à avaliação do professor, mas ele não deve estar apenas preocupado em corrigir o aluno ou ajudá-lo a responder corretamente, mas sim, dar a ele a oportunidade de analisar e pensar sobre determinado assunto de uma forma diferente que o ajude a atingir uma compreensão conceitual relevante para fornecer respostas corretas em outras situações semelhantes.

Pode-se dizer então a partir do que foi dito a respeito de andaimagem, que os andaimes são práticas de intervenções fundamentais no trabalho de um professor mediador que tem como objetivo desenvolver nos seus alunos competências para que eles consigam atingir um nível de compreensão satisfatório.

## 1.6.2 – Leitura Tutorial

As autoras Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 51) definem a leitura tutorial como sendo uma leitura na qual o professor assume um papel de mediador. Nessa proposta de leitura, o professor deve atuar fazendo intervenções didáticas (práticas de andaimes) durante a interação com seus alunos tendo como objetivo principal levar os alunos a alcançarem um nível de compreensão leitora satisfatório.

Nem sempre uma pessoa terá o auxílio de um professor mediador para ajudá-la no processo de compreensão leitora, haverá momentos em que teremos que ser leitores autônomos, mas antes que isso aconteça, a presença de um professor em sala de aula para colaborar na construção dessa compreensão é fundamental.

Para Solé (1998, apud BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010, p. 56), formar leitores autônomos capazes de compreenderem o que estão lendo, significa formar leitores capazes de aprender através dos textos, sendo assim, o ensino de estratégias de compreensão contribui para que os alunos aprendam a aprender.

É essa capacidade de ler e compreender, uma das que mais precisamos obter, pois no dia a dia deparamos com inúmeras situações onde somos submetidos à leitura e devemos, portanto, saber fazer uso da mesma para colocá-la em prática na nossa vida social.

Em vista disso, a leitura tutorial tem como foco desenvolver estratégias que facilitem a compreensão leitora dos alunos. Foram propostas por Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) atividades de leitura que envolvem três momentos distintos, mas que são de grande relevância para fazer da leitura algo significativo para o aluno. O primeiro envolve a preparação para a leitura, o segundo é o momento no qual a leitura se realiza e por último é o que se faz após a leitura.

### *1.6.2.1 - Primeiro momento: Preparação para leitura*

Uma atividade de leitura não deve começar somente no momento no qual a leitura será realizada, pois algumas tarefas importantes podem ser realizadas antes mesmo que a leitura comece, permitindo que a criança se envolva com o texto antes mesmo de fazer a sua leitura.



Segundo Bortone, “a criança precisa ser ajudada a entrar no clima de um texto, o que vai ajudá-la a entendê-lo.” (2004, p. 23)

Uma das primeiras coisas que devem ser feitas é informar aos alunos o objetivo da leitura, pois é importante que eles entendam o motivo pelo qual deverão ler tal texto.

A leitura é realizada de acordo com o objetivo que se tem diante do texto, uma vez que os leitores reagem a um determinado texto de maneiras diversas à medida que buscam utilizar e compreender o que estão lendo (Kirsh, apud BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010).

Normalmente são os objetivos que se pretendem alcançar que influenciarão na escolha das estratégias de leitura a serem utilizadas, como por exemplo: se o texto a ser lido tem a ver com algum conteúdo de uma prova de geografia, o objetivo dessa leitura é adquirir conhecimentos a respeito da disciplina, que seja útil para vida e também para um bom desempenho na prova. Sabendo o objetivo, o aluno saberá que será necessário fazer uma leitura lenta, e com algumas repetições, para dar maior ênfase em informações consideradas importantes.

Vimos com tudo isso que o professor mediador deve informar seus alunos da finalidade da leitura que será feita: se é para adquirir conhecimentos, despertar o senso crítico, ou outro objetivo. O fato é que é fundamental que os alunos tenham consciência do que deverão fazer com a leitura.

Antes de começar a leitura é importante também que o professor ative ou atualize os conhecimentos prévios que o leitor traz consigo a respeito do tema que será abordado no texto e, após ouvir o que os alunos já conhecem sobre o tema a ser tratado, o professor deverá avaliar se existe ou não a necessidade de fornecer-lhes maiores informações a respeito do assunto. Se ele achar que é preciso dar mais informações que assim o faça, pois pode colaborar para que o aluno já vá construindo seus conhecimentos para depois atingir uma compreensão leitora satisfatória.

Outra atividade que deve ser ressaltada é fazer previsão sobre o que será trabalhado no texto antes de lê-lo.

Para fazer previsões de um texto, podemos recorrer a vários aspectos: formato do texto, estrutura textual, ilustrações, títulos, subtítulos. Além disso, podemos recorrer a nossa experiência e aos nossos conhecimentos

prévios sobre o que esses índices textuais permitem antever. Os títulos, por exemplo, geralmente refletem o que será tratado no texto. (BORTONI-RICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010).

O professor pode usar várias características do texto e trabalhá-las de forma que os alunos possam prever alguma informação. As autoras acima sugerem algo que é muito interessante, que é a questão dos títulos. Normalmente o título vem carregado de significado, pois nele podem estar contidas pistas que ajudem os alunos a inferir o que será abordado durante o texto.

Para incentivar os alunos a criarem previsões e hipóteses a respeito do conteúdo do texto, é bom que o professor mediador peça às crianças que façam uma observação minuciosa do título, das ilustrações, das estruturas textuais e também de outras características que podem ser relevantes no momento de inferir possibilidades de assuntos que o texto poderá abordar.

Podemos mencionar que essas atividades de informar os alunos do objetivo do texto, averiguar os seus conhecimentos prévios e incentivá-los a assumir uma responsabilidade diante do texto, criando previsões e hipóteses e se questionando a respeito disso, são formas de fazer com que as crianças penetrem na leitura antes mesmo delas a terem lido, isso também ajuda a despertar-lhes o interesse a respeito do que ainda será visto, e sem dúvida, de se interessar pela leitura. Isso já é um passo precioso para o sucesso e uma boa leitura.

#### **1.6.2.2 - Segundo momento: A leitura**

Durante a leitura, o professor deve assumir o papel de mediador, e na perspectiva de Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 57) sua função é de guiar seus alunos dando a eles instruções que permitam a compreensão dos textos a serem trabalhados.

As autoras dizem também que para um contato inicial com o texto pode ser sugerido aos alunos que façam uma leitura silenciosa. A partir da leitura os alunos podem ir registrando o que acham que é importante, e também podem criar um vínculo com texto, permitindo que formulem hipóteses e que verifiquem as mesmas.

Após a leitura silenciosa, é vital que o professor retome a leitura com seus alunos de forma mais lenta para explorar melhor os aspectos que podem ser considerados importantes para a compreensão, como palavras desconhecidas e também informações que se encontram

“por baixo” do texto. A leitura deve ser compartilhada e, segundo as autoras citadas acima, é nesse momento de leitura simultânea que os alunos terão a chance de formular estratégias que facilitem a sua própria compreensão e a sua autonomia.

Durante essa atividade, o professor deverá estar atento às informações que estão implícitas, pois sabe-se que são elas que, muitas vezes, fornecem sentido a um texto. Portanto, a mediação do professor para ajudar seus alunos a criar estratégias de leitura visando a preencher essas “lacunas” do texto é imprescindível, pois sem uma compreensão inferencial não haverá uma compreensão totalmente efetiva.

### **1.6.2.3 - Terceiro momento: Após a leitura**

Na visão de Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010):

As tarefas de leitura não são finalizadas com a sua realização. Depois da leitura, aplicam-se algumas estratégias para verificar se realmente ocorreu a compreensão do texto: é o momento de avaliar a leitura. É importante ressaltar que atividades de avaliação somente devem ser realizadas após a conclusão da leitura. (p. 58)

Isso significa que não se deve avaliar o aluno, afirmando se ele compreendeu ou não o que foi lido antes que a leitura seja terminada e discutida pelo professor. Deve-se evitar pedir que os alunos leiam textos em casa e respondam a algumas atividades sem que antes ou depois a leitura dos textos seja compartilhada em sala de aula.

Infelizmente, acontece muito em algumas escolas, situações como essa, em que a criança leva para casa diversos exercícios para serem resolvidos, fundamentados em algum texto relacionado ao conteúdo da disciplina, e que, de volta à sala de aula, não exista um retorno da forma como deveria existir. Na maioria das vezes, o professor observa se o aluno resolveu as atividades como lhe foi pedido e, a seguir, faz uma breve correção no quadro sem muito aprofundamento das questões que talvez alguns alunos tenham sentido dificuldade em resolver.

É realmente importante que o aluno realize atividades após a leitura do texto para que o professor possa verificar se ele atingiu uma boa compreensão leitora. Por isso, essas atividades devem ter um retorno do professor, ele deverá analisar onde se encontram as

maiores dificuldades dos seus alunos e criar novas estratégias com o objetivo de melhorar ainda mais os níveis de compreensão leitora de suas crianças.

Pedir que o aluno faça um resumo do que foi compreendido com a leitura do texto, que responda as perguntas do próprio professor em sala de aula, que permitam verificar se ele foi capaz de fazer inferências durante a leitura, são algumas sugestões de atividades que podem ser realizadas após a leitura de um texto. A seguir, veremos a importância de o professor fazer, após a leitura, perguntas objetivas, inferenciais e avaliativas para induzir o aluno a uma efetiva compreensão.

### **1.6.3 – Leitura objetiva, inferencial e avaliativa**

A leitura objetiva, leitura inferencial e leitura avaliativa são consideradas por Bortone (2004, p. 21) etapas fundamentais para uma efetiva metodologia de leitura e que devem ser obedecidas para levar o aluno à compreensão de um texto.

Após passar por todo o processo de preparação da leitura, da leitura feita silenciosamente e da realizada pelo professor, é necessário que se trabalhe a leitura em três momentos distintos: no primeiro momento será trabalhada a leitura objetiva, a seguir a inferencial e, por fim, mas não menos importante a avaliativa.

Cada um desses momentos é fundamental para que se garanta uma compreensão efetiva por parte dos alunos, e como já foi visto, os trabalhos que tenham como objetivo ajudar os alunos a compreenderem o que estão lendo, não devem ser finalizados após a leitura do texto. Antes de sugerir aos alunos que façam resumos e algumas atividades que mostrem o que aprenderam, é preciso que o professor trabalhe essas três etapas para dar a eles uma maior segurança do que foi compreendido na leitura.

Veremos, a seguir, o que significa cada uma dessas etapas, segundo a autora, e como elas devem ser aplicadas em sala de aula de forma a colaborar no processo de compreensão leitora dos alunos:

### 1.6.3.1 – *Leitura objetiva*

O professor deverá abordar as informações que estão explícitas no texto, fazendo perguntas objetivas e superficiais, para analisar se o aluno sabe identificar informações que se encontram na superfície textual.

Por mais que as respostas dessas perguntas não sejam garantia de que o aluno realmente compreendeu tudo o que foi lido, pois as respostas serão dadas a partir de informações que são explícitas no texto, elas são importantes para a compreensão, e não se deve “pular” essa fase e seguir para a leitura inferencial, pois a leitura objetiva fornecerá pistas que facilitarão na construção de inferências.

### 1.6.3.2 - *Leitura inferencial*

É quando as informações a serem detectadas não se encontram na superfície do texto, pois são informações implícitas, as quais os alunos deverão inferir de acordo com o seu conhecimento de mundo, experiências e também das pistas que o texto fornece.

É o momento da interação leitor-texto: o leitor, durante a leitura, vai complementando as informações implícitas que as pistas do texto lhe possibilitam inferir. (BORTONE, 2004, p. 21)

Esse será, portanto, o momento no qual o professor poderá saber se o seu aluno realmente está conseguindo compreender o que lê ou se está somente decodificando informações explícitas. O professor mediador deve estar atento as dificuldades dos alunos, pois é comum que grande parte das dificuldades no que diz respeito à compreensão leitora esteja no processo inferencial, sendo ele, no entanto, o que garantirá a compreensão.

A autora sugere que se o aluno não conseguir responder perguntas de nível inferencial, o professor retorne às questões objetivas do texto, trabalhando com as informações explícitas e buscando dar maior atenção às pistas de sinalização<sup>3</sup> que promovam a percepção das inferências por parte do aluno.

---

<sup>3</sup> As pistas de sinalização são informações colocadas na superfície textual e colaboram para que o leitor compreenda as informações implícitas do texto.

Podemos perceber que não é uma tarefa simples levar os alunos de toda uma turma a inferir informações que não estão explícitas no texto, mas essa mediação para ajudar que eles alcancem tais informações é fundamental para fazermos das nossas crianças futuros leitores que compreendem o que leem.

Outra forma de levar o aluno a produzir inferências são os trabalhos realizados acerca do contexto no qual o texto está inserido. O professor deve situar os alunos (de preferência antes da leitura) do contexto situacional que se encontra o texto.

Quando nossos alunos percebem o contexto da leitura, torna-se muito mais fácil a compreensão do texto, porque estes indicadores facilitam a percepção das inferências, uma vez que o contexto situacional em que está inserido o texto faz patê do nosso conhecimento de mundo. (BORTONE, 2004, p. 21)

É de extrema utilidade que se trabalhe também em sala de aula com diversos gêneros textuais, isso possibilitará ao aluno a inferir e prever informações nos textos.

### **1.6.3.3 - Leitura avaliativa**

A leitura avaliativa é quando o aluno vai além do que está no texto, pois ela:

revela a postura crítico-reflexiva do leitor diante do texto. Posiciona-se, concordando ou antagonizando com as ideias e posturas estabelecidas no texto. (Bortone, 2004, p. 22)

O leitor manifestará essa postura crítica diante do texto baseando-se nas suas ideologias e julgamentos pessoais. O professor deverá fazer nesse momento perguntas que estimulem debates em sala de aula, que são importantíssimos para uma futura construção textual feita pelos alunos. Após isso, pode-se pedir que os alunos escrevam um resumo a respeito do que foi entendido pela leitura e debate realizados.

Vendo que uma compreensão efetiva gera ideias para a construção de outro texto, pode-se perceber a importância de um professor mediador dentro de sala de aula que vise a transformar seus alunos em leitores eficazes, possibilitando também a eles realização de outras atividades como a escrita, que é essencial em vários momentos da vida do ser humano tanto quanto a leitura.

#### 1.6.4 – O uso de gêneros textuais em sala de aula

Segundo Bortone (2004, p. 12), tudo que se lê só começa a fazer sentido quando o leitor consegue perceber através da leitura quais são as intenções do autor, entender e compartilhar os seus pontos de vista e até mesmo descobrir um possível desfecho da história antes mesmo de terminar a leitura.

Um dos fatores importantes para que o leitor compreenda o que lê é entender o gênero textual que o autor utiliza. Segundo Koch (2004, apud BORTONE, 2004, p.12) os gêneros textuais têm “características básicas, em que cada texto se organiza de acordo com o tema, o estilo e a intenção do autor.”

Pode-se sugerir aos professores que busquem trabalhar em sala de aula alguns gêneros que sejam do interesse da criança, como os contos de fada, que despertam o encanto de tantos. Nesse caso, e também em outros, o professor pode ler a história em voz alta, contando a história e usando todos os artifícios necessários para transformar a leitura em um momento prazeroso para seus alunos.

Uma leitura bem feita exige uma entonação adequada, envolvimento com o que se lê, clareza na pronúncia das palavras, ênfase nas informações cruciais, enfim, uma boa leitura é fundamental para a compreensão do texto. (Bortone, 2004, p. 24)

Existem vários gêneros textuais, como: a música, a poesia, as crônicas, os contos de fadas, as bulas de remédio, cartas, receitas e vários outros gêneros. Cada um possui a sua importância. Por exemplo, a poesia, segundo Bortone (2004, p. 36), é um gênero textual importante por despertar na criança a sensibilidade, e possibilitar ao leitor uma leitura inferencial.

É importante que o professor explore em sala de aula diferentes gêneros textuais, porque o conhecimento dos alunos acerca deles será fundamental para uma compreensão leitora efetiva. Se, por exemplo, o texto oferecido ao aluno for uma crônica humorística, é necessário que ele entenda que uma das características desse texto é a ironia, logo ele deverá estar atento a cada detalhe, principalmente à ideia do autor, e não levar tudo o que está escrito ao “pé da letra”.

Ter uma maior familiaridade com os gêneros textuais torna-se importante para qualquer leitor, pois esse conhecimento que se tem é de grande valia para identificar o assunto tratado no texto, se ele é baseado em fatos reais ou se é fictício, se ele é um texto claro e objetivo ou se ironiza algo, então, a partir daí, através da leitura já será possível prever qual a intenção do autor ao escrever aquele texto – se é apenas informar, ou distrair ou criticar algo – e também será possível destacar outras características importantes para que a compreensão ocorra sem grandes problemas ou dificuldades.

Para que o aluno tenha maior familiaridade com os diversos gêneros, a autora Marlene Carvalho (2009, p 69) elaborou uma lista com alguns gêneros mais frequentes nas nossas práticas sociais. Para ela esses textos devem ser trabalhados ao longo do Ensino Fundamental. A lista engloba os seguintes tipos de texto: narrativas, listas (de compra, do que fazer e etc.), poemas, receitas de cozinha, quadrinhos, bilhetes e cartas, convites, cartazes e textos de propagandas, agendas, textos didáticos, reportagens, relatórios de pesquisa, documentos da vida cotidiana, bulas e instruções.

Outro aspecto interessante é que esse trabalho com diversos gêneros textuais fazem as crianças se sentirem mais interessadas nas aulas, pois saem da rotina, já que na maioria das vezes os textos usados em sala de aula são tirados dos livros didáticos e nem sempre se constitui em uma forma na qual desperte o interesse da criança. É bom então que o professor converse com seus alunos para saberem se gostam de música, de história em quadrinho e outros gêneros textuais, e buscar assim levar textos diferentes para que eles vejam na leitura não só uma atividade obrigatória escolar, mas sim, uma atividade prazerosa em sua vida.

Como foi visto na lista de textos sugeridos por Carvalho, existem diversos gêneros ali presentes que são do interesse das crianças. Trabalhar com esses textos é uma forma de despertar nelas o gosto pela leitura, pois segundo a autora (2009, p. 67) “Não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados”.

Neste capítulo percebemos algumas estratégias que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula buscando facilitar a compreensão leitora dos alunos. Ao entregar um texto nas mãos de um aluno, o principal objetivo do professor deve ser que esse aluno seja capaz de compreender o que leu, para assim, realizar com sucesso as atividades posteriores a leitura. Para isso, ele deverá trabalhar a leitura com as crianças de uma forma que elas



consigam adquirir algumas habilidades leitoras importantes para a compreensão de um texto.

Essas habilidades são:

- a) Inferir informações implícitas no texto;
- b) Inferir o sentido de uma palavra ou expressão;
- c) Identificar o tema do texto;
- d) Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;
- e) Interpretar texto com auxílio de matéria gráfico diverso;
- f) Distinguir um fato de uma opinião e etc..

Essas habilidades citadas acima são alguns dos descritores direcionados para a leitura. Esses descritores e outros estão presentes na Matriz de Referência da prova do SAEB<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A matriz de Referência da prova do SAEB pode ser encontrada no portal do MEC: <http://portal.mec.gov.br/>

## CAPÍTULO 2 - CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo esclarecer a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, bem como descrever os participantes envolvidos, o ambiente de pesquisa e outros aspectos considerados relevantes dentro do foco da pesquisa.

### 2.1 - A PESQUISA QUALITATIVA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que se valeu dos recursos da etnografia de sala de aula. Segundo Bogdan e Biklen (1982, *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11), a pesquisa qualitativa apresenta aspectos básicos, como: (i) a fonte direta dos dados é o próprio ambiente natural, propondo um contato direto do pesquisador com o ambiente e o foco de pesquisa a ser investigado; (ii) os dados coletados são ricos em detalhes descritivos; (iii) procura retratar a perspectiva daqueles que participam da pesquisa, ou seja, busca entender a maneira como os seus integrantes reagem diante das questões que estão sendo focalizadas.

Dessa forma, a opção por uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, explica-se por ser esse o método compatível com os objetivos definidos na pesquisa, que visa a observar as estratégias pedagógicas da professora em sala de aula durante momentos de leitura nas diversas disciplinas, analisando as observações registradas em um diário de bordo.

O método de coleta de dados adotado para este trabalho constituiu-se a partir de observações que possibilitaram as experiências diretas entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado.

Com o intuito de manter sempre o foco de interesse no fenômeno estudado, faz-se necessário descrever detalhadamente o fenômeno, os participantes e o ambiente da pesquisa, bem como relatar eventos de cunho especial, atividades gerais e de comportamento, e, por fim, realizar reflexões sobre os problemas encontrados e as possíveis formas de solucioná-los.

Portanto, o objetivo desta pesquisa, realizada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular de Taguatinga-DF, foi o de observar como ocorre a **mediação** entre a professora e os alunos, assim como investigar a forma que ela utiliza

qualquer texto em sala de aula, analisando sua eficácia para boa compreensão leitora dos alunos.

## **2.2 - A ESCOLA**

O Centro de Ensino Stella Maris foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1959 e localiza-se na Área Especial para Igreja Católica, Setor C-7, em Taguatinga-DF. É uma instituição Católica, com forte dinamismo missionário claretiano que segue a linha de inspiração de Santo Antônio Maria Claret. A escola atende a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, funcionando nos turnos matutinos e vespertinos.

O principal objetivo da escola é promover a formação e a personalidade do aluno, preparando-o para o futuro, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. A escola visa desenvolver não somente o lado intelectual da criança, mas também o lado social. Para alcançar esses objetivos, a escola conta com profissionais de orientação religiosa orientação educacional. A escola também visa a participação dos pais, embora alguns não se dispõem de participar do que ocorre dentro do ambiente escolar dos seus filhos.

Dessa forma, o colégio pretende promover a formação integral dos alunos, segundo os princípios e ideais cristãos, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades frente aos desafios que o aluno vai encarar por toda a sua vida, principalmente como elementos de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício da cidadania.

Quanto ao espaço físico, o colégio é amplo, possui biblioteca, capela de oração, laboratórios de informática, quadras de esporte, piscina, auditório, pátio grande e muitas salas de aula. Por ser um colégio católico, é comum deparar-se com algumas imagens de santos pela escola.

### **2.2.1 - A biblioteca**

A biblioteca é pequena e bem organizada. Possui algumas mesas para estudo e livros nos quais os alunos poderam fazer suas pesquisas, ou então pegá-los emprestados para uma leitura mais informal em casa. O espaço é bastante frequentado pelos estudantes para a realização de trabalhos, pesquisas ou para empréstimos de livros. O ambiente conta também com uma bibliotecária que ajuda os alunos em algumas pesquisas.

A biblioteca possui algumas regras básicas. Uma delas é o fato do aluno só poder permanecer nesse ambiente no horário contrário ao das suas aulas, com exceção da permissão da professora, que tem a prerrogativa de permitir que seus alunos vão até à biblioteca para pegar um livro ou algo do tipo, mesmo estando no período de aula.

### **2.2.2 - A sala de aula**

A sala de aula tem um espaço mediano e comporta com tranquilidade os seus 24 alunos. Do lado esquerdo da sala existem algumas caixas com gibis, os quais podem ser lidos pelos alunos durante o intervalo. Há também terrários construídos pelas crianças e o armário da professora, onde ficam seus materiais.

Na frente da sala, voltado na direção dos alunos e mais para o lado direito, encontra-se a mesa da professora. Atrás dela, está o armário da regente do período matutino. O quadro utilizado na sala de aula é de giz, havendo acima dele um crucifixo. Os móveis da sala apresentam boas condições. A sala de aula não possui TV e nem rádio.

## **2.3 - OS PARTICIPANTES**

### **2.3.1 - A professora**

A professora responsável pela turma é jovem e formada em Pedagogia. Em uma conversa informal, relatou que a vida de professora não é fácil, mas que gosta do que faz e que se sente realizada quando vê o sucesso alcançado pelos alunos por meio de sua colaboração. Por tal razão não pensa em abandonar a profissão, mesmo assumindo que muitas vezes o professor não é tão valorizado.

### **2.3.2 - Os alunos**

A pesquisa foi realizada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, a qual era composta por 24 alunos, sendo 10 meninas e 14 meninos. Por ser um colégio particular provavelmente a renda familiar dessas crianças é mais elevada.

A turma conversava um pouco durante as aulas, apresentando-se inquieta em determinados momentos. No entanto os alunos são bastante participativos, realizando as atividades propostas pela professora. Para eles, um dos momentos mais divertidos é a correção dos exercícios na lousa. Cada acerto é motivo para comemoração da turma.

Toda segunda-feira as crianças recebem aulas diversificadas: Educação física, artes, xadrez e ensino religioso (obrigatório). Essas aulas são ministradas por outros professores, pois nesse momento as professoras das turmas reúnem-se para planejarem as próximas aulas. Outra rotina da turma é a da oração. Todos os dias, no início da aula, a professora e os alunos rezam juntos o Pai Nosso e a Ave Maria.

Observando as agendas das crianças, foi possível observar que muitas delas fazem uso frequente da biblioteca. A título de exemplo, uma aluna pegou, em apenas seis meses, 22 livros emprestados. Os alunos recebem grande incentivo da professora para exercitarem a leitura, pois, após o final de algumas atividades, a professora sugere e permite que alguns deles encaminhem-se até a biblioteca para pegar livros emprestados.

#### **2.4 - PROJETO DE LEITURA DO 4º ANO**

A escola investe muito no Projeto de Leitura, por isso os alunos recebem folhas de atividades relacionadas a algum texto toda semana, sendo o diferencial dessas atividades o envolvimento dos pais. Cada série do Ensino Fundamental inicial realiza essas atividades semanalmente de acordo com a série dos alunos.

O projeto de leitura da escola começou no dia 26 de fevereiro de 2010. O seu principal objetivo é colaborar para que a criança, cada vez mais, aperfeiçoe a leitura e escrita, pois ainda existem algumas crianças que sentem dificuldades nessa parte.

A folha de exercícios é entregue aos alunos na sexta-feira, devendo ser devolvida respondida na terça ou quarta. Essa é a única tarefa que eles levam para a casa no final de semana. As atividades recebem nota de 1,25 por cada caderno de exercícios.

Esse projeto baseia-se em algumas atividades, que envolvem leitura silenciosa e em voz alta, escrita, interpretação de texto escrita e oral, ortografia, participação dos pais nesse processo de ensino e aprendizagem, trabalhando o vocabulário e o entretenimento. A folha de exercícios (exemplos em anexo) é organizada da seguinte forma:

##### **A. Preparação para a leitura:**

Nessa parte da tarefa vem um quadrinho com algumas perguntas ou algumas explicações para estimular a curiosidade e o conhecimento prévio das crianças.

### B. Leitura silenciosa e leitura oral:

A criança deve fazer, primeiramente, uma leitura silenciosa para a compreensão do texto. Em seguida, a criança deverá fazer a leitura em voz alta para os pais ou responsáveis para que esses possam observar melhor a leitura das crianças.

Essa atividade tem por objetivo aperfeiçoar o ritmo de leitura dos alunos, respeitando as regras de pontuação. Às vezes, no final dos textos, há um vocabulário contendo palavras mais sofisticadas, sendo a maioria delas desconhecida de alguns alunos, permitindo a apreensão de novas palavras.

### C. Interpretação oral

Nesse momento o responsável deverá fazer algumas perguntas ao aluno, para que ele responda oralmente, e, caso o aluno queira, poderá fazer o uso do texto para ajudá-lo a responder.

### D. Trabalhando com palavras do texto:

Nesta ocasião, a criança deverá buscar significados e sinônimos, a fim de aperfeiçoar e ampliar o vocabulário dos alunos.

### E. Interpretação escrita:

Nessa parte, o aluno responde as perguntas por escrito, podendo consultar o texto para resolver a tarefa.

### F. Hora da escrita:

Essa é uma parte que trabalha a caligrafia do aluno e não existe em todos os cadernos de exercícios. Aqui o aluno deverá ler a frase escrita e escrevê-la de forma legível e bem traçada.

### G. Hora da diversão:

É o momento para descontração da criança, no qual ela não veja nos exercícios apenas uma coisa obrigatória e desestimulante, possibilitando aos alunos diversão e, da mesma forma, despertando o prazer da leitura.

#### H. Auto-avaliação:

Há no caderno de exercícios três figuras: uma sorrindo, outra normal e outra com expressão triste. O aluno deve pintar a figura que mais representa o seu desempenho na leitura e na interpretação oral.

#### I. Avaliação da leitura:

O responsável pelo aluno avalia a leitura quanto ao ritmo, entonação, fluência e interpretação. Em seguida, o responsável deve assinar a folha para comprovar que colaborou nesse processo.

Nessa fase, tive a oportunidade de ajudar a professora na correção desses exercícios e pude perceber que ainda existem alguns alunos com dificuldade na escrita e na interpretação, e que muitas dessas crianças não levavam a folha de exercícios assinadas e avaliadas pelos pais, sinal que o acompanhamento dos pais faz diferença no desempenho dos filhos na leitura, escrita e interpretação.

Algo que deve ser questionado nesse projeto de leitura é que a professora após a correção das atividades não dá um retorno para os alunos sobre as atividades realizadas por eles juntamente aos seus pais. Lembrando que esse projeto é aplicado pelos pais e não pela professora.

## **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS**

Neste capítulo será abordada a análise das práticas de mediação em leitura em uma turma de 4º ano de uma escola particular de Taguatinga. O objetivo das observações é o de perceber como a professora faz intervenções nas aulas em que a leitura está envolvida e como utiliza as perguntas mediadoras que facilitem a compreensão leitora.

Os pontos considerados relevantes foram sendo registrados no diário de bordo. No entanto, tendo em vista as diversas formas de interpretação do leitor para as situações descritas, alguns aspectos sobre o tema podem não ter sido abordados, pois em cada situação mencionada podem existir elementos que não foram descritos e, portanto, não foram analisados, pois somente o olhar do pesquisador nem sempre é capaz de captar todos os fatos ocorridos em uma situação.

### **3.1 - MEDIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA EM SALA DE AULA**

#### **3.1.1 – Primeira aula**

**Disciplina:** História

**Conteúdo:** Heranças africanas

**Objetivos da aula:** conhecer as principais heranças que os africanos deixaram no nosso país e aprender a fazer pesquisa, selecionando, naquilo que se lê, informações relevantes para atingir o objetivo da aula.

**Instrumentos utilizados:** Computador e quadro de giz.

**Metodologia utilizada:** Pesquisa realizada na internet, de forma individual e em duplas para alguns alunos, devido ao número insuficiente de computadores. Ao final, exposição oral do que foi pesquisado.

**Descrição da aula e análise:**

Por ser a minha primeira semana no colégio, a professora informou-me o que já vinha sendo estudado em cada disciplina. Soube que na disciplina de história as crianças estudavam a respeito da escravidão no Brasil. Decidi, então, relatar para essa primeira semana uma aula de história. Nessa aula a professora convidou os alunos a realizarem uma pesquisa, no



laboratório de informática da escola, sobre as heranças deixadas pelos africanos aqui no Brasil.

É interessante a forma como a professora lidou com essa atividade. Antes de falar que levaria os alunos para o laboratório, a professora questionou-os se já conheciam algo ou se já sabiam de alguma coisa relativa às heranças africanas.

Os alunos estavam bastante agitados, e o fato da professora começar a atividade realizando perguntas já fez com que a atenção deles se voltasse para ela. Dessa forma, podemos perceber que a professora preparava seus alunos para a pesquisa que ainda seria realizada, verificando seus conhecimentos prévios antes de partirem para a leitura das informações contidas em páginas da internet a respeito do tema proposto.

Segundo as autoras Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 56-57), é muito importante ativar nos alunos o conhecimento prévio que eles possuem antes mesmo de se dar início a leitura e as atividades de leitura. Segundo elas, “os conhecimentos prévios podem determinar o êxito ou o fracasso da leitura”. Isso acontece porque é através desses conhecimentos que os alunos poderão ampliar seus horizontes.

O número de participantes para responder as perguntas da professora foi alto, tendo quase todas as crianças participado. Dessa forma, o ambiente de interação não ficasse desorganizado, a professora estabeleceu uma ordem para que cada um que quisesse falar tivesse oportunidade de explicitar a sua idéia. Para isso, foi solicitado aos alunos que levantassem a mão e aguardassem a sua vez.

Essa organização que a professora estabeleceu na turma é segundo Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 96) uma forma de dar oportunidade aos alunos de se expressarem e serem retificados ou ratificados, além de ajudá-los a respeitar os direitos dos outros, desenvolvendo valores e atitudes.

Muitos alunos falavam coisas que já haviam sido ditas por outros alunos. As heranças mais pronunciadas foram a cor negra e a feijoada. Quando a maioria deles falou da cor negra, a professora perguntou o porquê disso. Um aluno respondeu que os africanos eram negros e vieram para o Brasil, sendo assim, muitos negros permaneceram aqui no país até os dias atuais.

Nesse momento, a professora poderia ter explorado um pouco sobre o conceito da miscigenação, que não foi citado pelos alunos. Provavelmente o termo não foi citado por ser uma palavra a qual eles podem não ter familiaridade, mas que possui um conceito que está intimamente ligado com a questão da cor da pele citada por eles, sendo que só falaram da cor negra, não mencionando a interação entre as raças que deram origens a tons de pele diferentes, que torna o Brasil um país tão diverso.

Um aluno disse que uma das heranças foi o “português que a gente fala”. Nesse momento a professora interveio de forma discreta para não constranger o aluno. Ela agiu naturalmente e perguntou se os alunos sabiam o motivo de falarmos o português, e não qualquer outro idioma.

Grande parte dos alunos respondeu atendendo às expectativas da professora, afirmando que nós falamos português porque foram os portugueses que descobriram o Brasil, e esse é o idioma deles. Após a resposta das crianças, a professora reforça a resposta correta dizendo: “Então, todos nós falamos português, porque quem descobriu o Brasil veio de Portugal, e eles falam português. Por isso que a gente fala e estuda a língua portuguesa.”

Nesse momento, percebe-se que a professora fornece andaime ao aluno que não opinou corretamente, pedindo para que os outros alunos também a ajudasse (é uma forma de verificar se o restante da turma sabe a resposta correta). Isso acontece por ser ela uma pessoa mais experiente e que auxilia o aprendiz a reconceitualizar sua resposta e seu pensamento acerca do tema. Ela não apenas corrige o erro, mas ajuda o aluno e as outras crianças da turma a compreenderem como se chega à resposta correta.

Para Cazden (1988 *apud* BORTONI-RICARDO, MACHADO E CASTANHEIRA, 2010, p. 28), ajudar um aluno a dar uma resposta correta é diferente de guiá-lo para que ele atinja uma compreensão conceitual que será importante para produção de respostas corretas em situações semelhantes.

Nesta parte podemos verificar também a importância de ativar os conhecimentos prévios dos alunos, pois, como já foi visto, são através deles que as professora terão a oportunidade de retificar ou ratificar as respostas dos alunos.

A professora continuou preparando os alunos para a atividade, perguntando a eles se possuem costume de usar a internet em casa, o que eles gostam de fazer no computador e se

tem o hábito de fazerem pesquisa com a ajuda da internet. Todos responderam usar a internet para algumas pesquisas escolares e também para diversão. Essas perguntas estimulam a curiosidade e o entusiasmo para a atividade posterior. Eles já conseguiam prever a atividade que seria ministrada, ficando eufóricos.

Achei interessante a participação de uma aluna que disse fazer pesquisa para a escola, mas que não faz igual se encontra no computador, porque não pode copiar igual ao que está escrito. Com essa resposta fornecida pela aluna, a professora poderia ter perguntado a turma o motivo pelo qual não se deve copiar igual se encontra na internet. Poderia abordar com isso o significado da palavra “plágio”, verificando se algum aluno sabia o seu significado e, caso ninguém conhecesse, ela poderia sugerir o uso do dicionário ou então ela mesmo ir conversando com os alunos para ajudá-los na compreensão do termo. Essa é uma forma de ajudar os alunos da turma a aumentarem o seu vocabulário e, conseqüentemente, melhorarem também a compreensão daquilo que se lê ou se ouve.

Dando continuidade, a professora avisou aos seus alunos que eles fariam uma pesquisa sobre “heranças africanas” no laboratório de informática. Os alunos ficaram muito agitados, demonstrando que as atividades fora da rotina de sala de aula deixavam-os bastante interessados.

Tentando conter a empolgação dos alunos, a professora disse que só iria levá-los para o laboratório se eles ficassem comportados, sem gritar e causar tumulto, e principalmente, que fizessem primeiramente a atividade pedida, para só então brincar com jogos no computador, caso sobrasse algum tempo. Isso mostra que a professora é bastante flexível para com seus alunos, sem, contudo, deixar de ser rígida com as atividades.

Antes de saírem da sala para o laboratório, a professora explicou a atividade, dizendo que eles deveriam pesquisar *sites* a respeito do assunto. Ela forneceu algumas dicas aos alunos, informando-os que deveriam ler o conteúdo do *site* com o objetivo de selecionar informações a respeito das heranças africanas que eles considerassem relevantes. Podemos perceber, então, que nesse momento a professora informa seus alunos sobre o objetivo da leitura dos *sites*, que é selecionar informações dentro do tema proposto.

Nas lições de Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 96), é importante que os alunos conheçam o objetivo pelo qual deverão realizar a leitura e as atividades, pois, dependendo do objetivo, as estratégias utilizadas por eles serão diferenciadas. Koch e Elias

(2006, p. 19) ensinam ainda que a interação estabelecida entre o conteúdo do texto e o leitor é influenciada pela intenção da leitura. Logo, são os objetivos do leitor que definirá o modo da leitura, ou seja, se ela será feita em mais ou menos tempo e com mais ou menos atenção.

Chegando ao laboratório de informática, a professora orientou os alunos no início da atividade, dizendo como que se iniciava uma pesquisa na internet, informando-os onde deveriam pesquisar. Ela, sempre muito atenciosa, disse aos alunos que caso houvesse quaisquer dúvidas poderiam chamá-la.

Durante a atividade a professora ficou sentada em uma mesa corrigindo atividades anteriores dos alunos. Levantava-se quando era necessário para tirar dúvidas de algum aluno, ou quando algum a chamava para ver que eles haviam concluído a tarefa. Alguns alunos terminaram primeiro que outros, tendo a professora permitido que aqueles jogassem um pouco no computador, desde que não tumultuassem o restante da turma.

Voltando para a sala de aula, a professora pediu para que os alunos destacassem quais foram as principais heranças dos escravos negros trazidas para o nosso país. Após a pesquisa na internet, a professora solicitou aos alunos que fizessem uma exposição oral das informações encontradas, sendo que as heranças mais importantes citadas foram anotadas no quadro pela professora. Dentre elas:

- a capoeira;
- a dança e a música (a professora completa falando que trouxe instrumentos musicais como o berimbau que é utilizado na capoeira);
- bebidas como a cachaça;
- a feijoada (a professora completa falando que eles tiveram várias outras comidas também, como o angu, inhame e quiabo); e
- rituais.

Teria sido interessante que a professora tivesse escrito no quadro as heranças que os alunos já haviam dito anteriormente através dos seus conhecimentos prévios para posterior comparação do que foi encontrado durante a pesquisa, destacando quais informações fornecidas previamente estavam corretas.

Também poderia ter sido sugerido aos alunos que escrevessem um resumo contendo as informações apreendidas com a atividade. Segundo Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 59) a produção de um resumo após a leitura é importante para que o aluno apresente as principais informações contidas no texto, que só será possível se ele tiver compreendido o que leu. Flores (2007, p. 57-58) menciona que o senso comum destaca que quem compreende o que lê deve demonstrar o que entendeu, seja expressando verbalmente ou de forma escrita, mediante a solicitação ou por vontade própria. Além disso, a elaboração do resumo ajuda o desenvolvimento da habilidade de produção de texto. Caso o aluno não saiba desenvolver um resumo, a professora deverá auxiliá-lo, já que essa é uma tarefa importante.

Essa aula foi diferente daquelas as quais as crianças normalmente fazem na escola, sendo que a atividade proposta pela professora aguçou a curiosidade das crianças para a pesquisa, criando neles também o interesse de participar da aula. Durante a atividade alguns alunos estavam agitados, mas isso não atrapalhou o seu rendimento e a sua qualidade.

Essa atividade também exigiu dos alunos uma interpretação oral do que eles pesquisaram, mostrando-se uma inovadora forma deles trabalharem com textos, pois, diferentemente do convencional, eles não receberam os materiais a serem estudados em suas mãos. Os alunos tiveram que pesquisar para estudar e depois falar o que haviam encontrado e compreendido. Foi uma atividade, do meu ponto de vista, bastante enriquecedora.

### **3.1.2 – Segunda aula**

**Disciplina:** História

**Conteúdo:** A crise do açúcar

**Objetivos da aula:** compreender que a crise do açúcar estava relacionada com a baixa exportação do produto e interpretar as informações contidas no gráfico a respeito do assunto.

**Instrumentos utilizados:** Livro didático (apostila anglo).

**Metodologia utilizada:** Leitura oral feita pela professora e atividades do livro.

### **Descrição da aula e análise:**

A professora, no início da aula, pediu que os alunos abrissem a apostila, explicando que a aula seria sobre a crise do açúcar. Com base no livro didático, a professora expôs o conteúdo relativo ao tema.

A professora leu o texto em voz alta, ressaltando a sua tonicidade de voz nas partes consideradas mais importantes. Essa atitude da professora é conhecida como pistas de contextualização, sendo esta uma estratégia de andaimagem. Segundo Esther Figuerosa (1994, p. 113 apud BORTONI-RICARDO, MACHADO E CASTANHEIRA, 2010) as pistas de contextualização são:

Qualquer traço da forma lingüística que contribui para sinalizar aos participantes de uma interação que a comunicação está transcorrendo sem transtornos, facilitando-lhe a codificação e a interpretação de sua intencionalidade. (p.27)

Nesse caso a professora utiliza-se de traços prosódicos, que envolvem a altura do som, o tom da voz, a intensidade e o ritmo da produção verbal.

A cada parágrafo lido ela faz uma pequena pausa, explicando o conteúdo e questionando se há alguma dúvida, ou então se existe alguma palavra do texto que os alunos não tenham compreendido. Talvez fosse melhor que ela não interrompesse a leitura e deixasse as explicações para o final, momento no qual ela poderia também realizar perguntas aos alunos para analisar se eles estavam ou não compreendendo o que vinha sendo tratado no texto.

A única dúvida apresentada surgiu de um aluno quanto ao termo “exportação”. A professora perguntou, então, se alguém lembrava o que era exportação e importação para ajudar o colega. Isso demonstra que a ela busca sempre reforçar o que já havia sido estudado anteriormente dentro dos novos conteúdos e também procura analisar se os alunos conseguem inferir o significado de uma palavra. Desta forma, ela facilita a compreensão leitora das crianças, fazendo que o texto tenha mais significado.

Uma aluna respondeu que exportação era mandar alguma mercadoria para fora, e importação seria receber produtos que vieram de outro país. A professora elogiou a participação dela e sugeriu aos alunos que consultassem um dicionário quando não entendessem uma palavra. É importante destacar que todos os alunos carregam um dicionário

na mochila. A professora faz bem ao incentivar seus alunos a usarem o dicionário, pois mesmo que muitas vezes o contexto nos ajude a inferir o significado de uma palavra, o seu uso também é importante para ampliar o vocabulário.

Após a leitura do texto a professora começou a trabalhar as atividades do livro didático. Ela agiu corretamente, pois as atividades avaliativas relacionadas ao texto só devem ocorrer após a leitura ser compartilhada com a turma através da mediação da professora.

As atividades resumiam-se em apenas três perguntas relacionadas com o gráfico apresentado no livro, o qual informava a quantidade de açúcar exportada pelo Brasil ao longo de um século, entre os anos de 1570 e 1670. As perguntas foram as seguintes:

- “Em que ano o Brasil mais exportou açúcar?”
- Em que anos houve um pequeno aumento nas exportações de açúcar? E em que ano esse aumento foi maior?
- Quando se inicia a queda (diminuição) na exportação de açúcar?”

Alguns alunos conseguiram interpretar o gráfico, mas outros demonstraram dificuldades. Verificou-se, assim, que grande parte desses alunos não conseguia interpretar um gráfico com facilidade. Talvez isso ocorreu em razão da falta de familiaridade que esses alunos possuem com esse gênero textual.

Como eram poucas questões, e verificada a dificuldade de alguns alunos, a professora teve a oportunidade de atender algumas crianças para tirar as dúvidas e explicar a atividade. Seria importante, talvez, que a professora explicasse o significado do gráfico, qual a sua utilidade e como fazer a sua leitura.

Após a resolução da atividade, a professora dirigiu-se à frente da turma para corrigir oralmente as questões. Ela perguntou aos alunos se eles sabiam o que representaria quando o traço do gráfico está subindo ou descendo. Muitos responderam que quando está subindo significa que a “exportação tá maior” e quando está descendo é porque a “exportação tá menor”. Uma simples pergunta da professora incentivou os seus alunos a analisarem melhor o gráfico, a fim de obterem uma resposta à questão. Podemos perceber que ela usou um vocabulário simples para questionar os alunos, facilitando a compreensão deles.

Ao corrigir cada questão, a professora lia em voz alta ressaltando as informações importantes do enunciado, fazendo uso, novamente, das pistas de contextualização, porque utilizava um tom de voz que ressaltasse os aspectos importantes da questão, bem como se utilizando de gestos para chamar a atenção dos alunos sobre os pontos relevantes.

Em seguida, a professora pediu à turma que respondesse em voz alta. Ela anotava no quadro as respostas dos alunos e explicava a questão, pedindo que eles prestassem atenção a cada detalhe do gráfico.

A estratégia pedagógica utilizada pela professora durante a correção dos exercícios permitiu aos alunos compreender melhor o conteúdo do gráfico, que era um dos objetivos da aula. O outro objetivo era compreender que a crise do açúcar estava relacionada com a baixa exportação do produto. Consequentemente, a docente poderia ter perguntando ao final da aula qual seria o motivo da crise na produção do açúcar para verificar se eles teriam compreendido que ela seria decorrente da baixa exportação do produto.

É importante destacar também que a professora poderia ter explorado, antes de iniciar a leitura, o título do texto que antecede o gráfico: “A produção de açúcar entra em crise”. Ela poderia questionar as crianças se elas imaginavam o motivo dessa crise, se sabiam o significado do termo crise e se ele seria algo positivo ou negativo. Com isso, ela estaria incentivando as crianças a fazerem uma previsão do texto, inferindo o possível assunto por ele abordado, pois nas lições de Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 57) o título geralmente reflete o que será tratado no texto.

### **3.1.3 – Terceira aula**

**Disciplina:** História e produção de texto

**Conteúdo:** Crise do açúcar e produção do gênero textual carta

**Objetivos da aula:** interpretar as informações do gráfico e produzir uma carta utilizando essas informações.

**Instrumentos utilizados:** Livro didático (apostila anglo) e caderno de redações.

**Metodologia utilizada:** Leitura oral da atividade proposta pelo livro e explicação oral do passo a passo da produção de uma carta.



### **Descrição da aula e análise:**

Achei interessante destacar para a semana uma atividade que deu continuidade ao conteúdo da aula anterior, sendo referida atividade sugerida pelo próprio livro didático. Nela seria abordado o conteúdo de história e, concomitante, a produção de texto do gênero carta.

Como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, é de fundamental importância que o professor trabalhe em sala de aula com diversos gêneros textuais, pois cada gênero possui uma função específica (intencionalidade do autor), a qual o aluno precisa conhecer para compreender o texto. Conforme ensina Koch e Elias (2006, p. 122), somente quando os alunos dominarem os gêneros mais utilizados na vida cotidiana serão capazes de perceber o “jogo” que se pode ocorrer através das palavras.

A atividade proposta no livro era a seguinte:

- “Imagine que você é um adulto de 30 anos de idade que vive no Brasil Colonial. Estamos no ano de 1670. Você acabou de herdar um engenho, que já pertenceu ao seu avô (entre os anos de 1590 e 1630) e a seu pai (entre 1630 e 1670). Escreva uma carta a um parente distante, contando-lhe como andam seus negócios: as exportações de açúcar melhoraram ou pioraram se comparadas a época de seu pai e de seu avô?”

Alguns alunos ficaram agitados e fazendo brincadeiras, dizendo que como já tinham 30 anos, não seria mais necessário estudar. Apesar disso, a professora manteve a calma e brincou com os alunos, dizendo que era para eles somente imaginarem a hipótese (todos riram). A docente demonstrou saber lidar com a turma em diversas situações, não sendo necessário gritar para controlar a euforia das crianças, conseguindo, com seu bom humor, manter um clima tranquilo entre todos da turma.

O gráfico utilizado foi o mesmo da aula descrita e analisada anteriormente, excluindo-se apenas as datas de 1570 e 1580. Nessa atividade o aluno desenvolveu por meio de um texto a compreensão do gráfico e do enunciado da atividade, já que ele teria que assimilar o que era pedido na questão para escrever de acordo com o gráfico.

Essa atividade é muito conveniente, pois ela assume uma estratégia bastante eficiente. Segundo Rupay (2008, apud BORTONI-RICARDO, MACHADO E CASTANHEIRA, 2010, p. 59-60) essa estratégia sugere a elaboração de organizadores gráficos após a leitura quando

o texto for escrito de forma contínua, e caso o texto esteja em forma de gráfico, recomenda ao aluno a elaboração de um texto contínuo utilizando-se das informações contidas no gráfico.

É exatamente isso que os alunos fazem nessa atividade. Eles devem interpretar o gráfico para que construam o seu texto em forma de carta, utilizando-se da proposta de Rupay e também permitindo aos alunos produzirem um texto de um gênero textual diferente do que estão acostumados.

A professora preparou os alunos para a atividade, perguntando-lhes se já haviam escrito anteriormente alguma “cartinha” para algum parente ou amigo que more em outra localidade. Todos os alunos responderam nunca terem enviado uma carta, mas alguns já tinham visto o pai ou a mãe escrevendo uma correspondência.

Com essa pergunta a professora buscou saber se as crianças já possuíam certa familiaridade com esse gênero textual. Seria importante também fazer mais algumas perguntas para a turma a fim de verificar se elas conhecem o objetivo de uma carta, pois compreender o objetivo da leitura e da escrita de algum texto facilita na compreensão, destacando-se mais uma vez que cada gênero textual possui em si uma função, a qual é importante que o aluno conheça para que o texto ganhe sentido.

No livro havia instruções para a confecção da carta. A professora lia cada dica e complementava as poucas informações constantes do livro, explicando aos alunos como deveria ser escrita a carta.

Nesses momentos notamos a importância do professor como mediador da leitura, já que nem sempre as informações necessárias para a compreensão estão descritas no texto, exigindo-se, então, a presença de alguém que conheça o tema de forma mais profunda visando uma compreensão efetiva do que é lido.

Deve ser lembrado que “A função do professor no momento da leitura deve ser a de fornecer instruções para que os próprios leitores cheguem à compreensão do texto” (Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira, 2010, p. 57). Sendo assim, as informações dadas pela professora devem ser suficientes para que os alunos resolvam a atividade de forma satisfatória, demonstrando, portanto, que a compreensão das instruções lidas foi alcançada através da mediação da professora.

Ao perceber que as crianças não tinham o hábito de produzir cartas, a professora desenhou um quadrado na lousa e pediu que os alunos imaginassem que aquela figura representava uma folha de papel, na qual eles escreveriam a carta. Em seguida ela explicou onde se deve colocar o local e a data, bem como a maneira de se fazer a saudação ao destinatário da correspondência. Além disso, explicou que para cada assunto escrito os alunos deveriam começar um novo parágrafo. Por fim, orientou-os quanto ao modo de se despedir, ressaltando que eles devem sempre assinar a carta.

Apesar de que muitas daquelas crianças não possuíam o hábito de elaborar cartas, elas ajudaram a explicação da professora, mesmo sem ela ter solicitado a colaboração da turma. Notou-se que alguns alunos já conheciam certas características básicas da estrutura de uma carta. Sendo assim, eles provavelmente já entraram em contato com alguma carta escrita por alguém da família, ou então já haviam estudado a respeito desse gênero.

Ao ver que existiam características da carta conhecidas pelas crianças, a professora poderia ter sugerido que as próprias crianças ajudassem-na a preencher o quadro com as exigências de uma carta. Apesar disso, a atitude da professora foi excelente para que os alunos visualizassem um exemplo da estrutura desse gênero textual.

Dando continuidade a aula, a professora pediu para os alunos iniciarem a construção do gráfico e da carta no caderno de produção de texto. Alguns alunos demonstraram mais dificuldade na tarefa. Ao perceber essa dificuldade, a professora dirigia-se à carteira do aluno que aparentava estar com dúvida, buscando ajudá-lo com o fornecimento de informações úteis. Além disso, ela os incentivava dizendo à eles que conseguiriam realizar a atividade, bastava que concentrassem e prestassem atenção no enunciado da questão.

Verifica-se que a professora demonstrou preocupação com a auto-estima da criança, que é considerada de fundamental importância para que ela não se sinta desmotivada e, por conseguinte, desista de realizar a tarefa, ou então que a faça de qualquer jeito.

Durante a execução da atividade, alguns alunos demonstraram bastante criatividade e uma ótima compreensão leitora, pois realizaram o exercício proposto perfeitamente. Percebeu-se também que esses alunos prestaram atenção nas informações fornecidas pela professora, pois produziram a carta e o gráfico da forma que ela havia explicado.

Resolvi pegar como exemplo a carta feita por um aluno da turma (encontra-se no anexo). A carta escolhida foi produzida por um aluno que, aparentemente, não expressou nenhuma dúvida durante a tarefa. Ficou quieto em sua carteira e fez a atividade tranquilamente sem necessitar da ajuda da professora ou de colegas. Quis observar, então, se ele havia feito a atividade corretamente e se as informações passadas pela professora relativas ao modo de como fazer a carta e de como interpretar um gráfico teriam sido suficientes para a realização do dever. Verifiquei que a atividade desse aluno foi feita corretamente, indicando-nos que as informações da professora foram eficazes para a elaboração da carta.

Foi interessante notar que não só a professora atua como mediadora durante as atividades que envolvem leitura e escrita. Muitos alunos que já haviam acabado a atividade tentaram ajudar outro colega que estava com dificuldade. Isso acontecia naturalmente e com bastante frequência, independentemente de solicitação do aluno ou da professora.

Os objetivos da atividade foram alcançados, já que grande parte das crianças demonstrou ter compreendido os procedimentos da escrita de uma carta, bem como apresentou uma boa interpretação das informações contidas no gráfico.

**Observação:** Analisando as atividades realizadas pelas crianças anteriormente no caderno de produção de texto, constatei que elas já haviam escrito textos utilizando outros gêneros textuais como: parlendas, poesias e diálogos. Com isso, foi possível observar que a professora costuma trabalhar diversos gêneros textuais com as crianças dentro de sala de aula.

### **3.1.4 – Quarta aula**

**Disciplina:** Matemática

**Conteúdo:** Resolução de problemas que envolvam dinheiro.

**Objetivos da aula:** resolver problemas de matemática que serão de grande utilidade na vida social dos alunos.

**Instrumentos utilizados:** Quadro de giz e dinheiro.

**Metodologia utilizada:** Correção de exercícios em voz alta utilizando o quadro de giz e acompanhamento dos alunos em práticas do cotidiano que envolvam a matemática.

**Descrição da aula e análise:**

A aula analisada nesse momento é uma aula de matemática que envolve a resolução de problemas relacionados com dinheiro (real e centavos).

Primeiramente a professora corrigiu os exercícios que havia passado como tarefa de casa. Ela deu o visto nos cadernos dos alunos que tinham feito a atividade e, em seguida, corrigiu os exercícios no quadro. Ela lia cada problema pausadamente, buscando que todos os alunos compreendessem o enunciado da questão e o seu pedido (pistas de contextualização). Ela incentivava os alunos a terem muita atenção em cada detalhe importante.

A professora solicitou aos alunos que anotassem cada informação oferecida no enunciado dos problemas, explicando que isso os ajudaria na resolução das questões, pois cada detalhe que o problema traz é importante para a sua resolução. Para corrigir os exercícios, a professora anotava as informações importantes conforme havia sugerido aos seus alunos.

A estratégia utilizada pela professora na correção da atividade foi importante para que os alunos aprendessem a destacar os aspectos relevantes de um texto, auxiliando-os na compreensão e também nas resoluções de problemas de matemática.

Nota-se que a professora não apenas corrigiu as questões e expôs o conteúdo. Ela ensinou aos alunos uma maneira de organizar as informações do texto a fim de facilitar a compreensão leitora deles. Dessa forma, ela trabalhou o texto (enunciado da questão) fornecendo andaimes aos alunos, pois lhes mostrou o que deveria ser feito para alcançarem a resposta correta da questão. Isto é, ela vai além de uma simples correção de um exercício, demonstrando o raciocínio para solução do problema, sem apresentar a resposta correta diretamente aos seus alunos.

Terminada a correção, a professora passou mais exercícios semelhantes a esses no quadro. Formulou os problemas utilizando o contexto dos alunos, como o que eles comprariam para lanchar na hora do intervalo. A professora fez muito bem ao elaborar questões envolvendo práticas cotidianas desses alunos, pois isso os ajudaria a visualizar a matemática além dos livros e das folhas de papel, facilitando ainda mais a compreensão dos enunciados das atividades. Segundo o que constam nos PCNs, é necessário que o ensino da

matemática esteja voltado para a formação do cidadão, que utiliza cada vez mais os conceitos matemáticos na sua rotina.

Para a correção dos novos exercícios, a professora sorteou cinco alunos para responderem no quadro, pedindo que eles lessem com atenção o enunciado de cada questão. Apenas um aluno não conseguiu responder corretamente, sendo que esse aluno era o que mais conversava durante as explicações da professora. Segundo ela, o referido aluno tinha muita dificuldade em ter atenção, e que os pais dele não o acompanhavam muito na escola.

A professora forneceu andaime a esse aluno, ficando perto dele, lendo baixinho o enunciado e destacando os seus pontos mais importantes, ajudando-o a resolver o exercício. Enquanto isso, muitas crianças já estavam bastante ansiosas para o recreio.

Antes de liberar os alunos para o recreio, a professora perguntou quem compraria na lanchonete, tendo muitos alunos respondido que iriam comprar algo para comerem. A professora liberou os alunos antes do toque do sinal, para que eles não pegassem fila. Achei interessante que as atividades de matemática não tinham sido encerradas dentro da sala de aula, pois ela acompanhou alguns alunos até a lanchonete para mostrar-lhes na prática como os exercícios de sala de aula estão ligados ao cotidiano deles.

Perguntei a professora se ela tinha esse costume de acompanhá-los à lanchonete para fazer compras. Ela disse que praticava com frequência tal acompanhamento. Relatou também que, antigamente, ela levava os alunos a um supermercado que havia próximo à escola. Ela utilizava dinheiro de mentira para que os alunos tivessem a noção de valor e de preço. Como o supermercado não existe mais, a professora levava os alunos para a própria cantina do colégio, sendo que os resultados obtidos também eram satisfatórios.

Foi possível perceber que essas atividades que dão um caráter mais real e concreto daquilo que se estuda em sala de aula são fundamentais para mostrar ao aluno que a matemática está presente no seu cotidiano, em diversas situações.

Com essa atividade, podemos perceber a efetiva preocupação da professora com a compreensão dos seus alunos. Ela tentou ensinar aos alunos que a matemática usada em sala de aula também está presente em diversas situações vivenciadas na rotina de cada um deles.

### 3.2 - ANÁLISE GERAL DAS AULAS

Observando a atuação da professora em sala de aula na turma em que foi realizada a presente pesquisa, principalmente durante as aulas descritas, foi possível perceber que, na maioria das vezes, a mediação da professora foi imprescindível para que os alunos compreendessem os textos, os enunciados das questões e como deveriam desenvolver as atividades sugeridas pela professora ou pelo livro didático.

Verifiquei também que a professora fornece andaimes aos seus alunos sempre que surgia alguma dificuldade ou erro. Isso é importante, pois ajuda o aluno a reconceptualizar seus conceitos e sua ideias a respeito do tema estudado. É uma forma de permitir que as crianças sejam capazes de alcançarem respostas corretas.

A educadora sempre se demonstrou prestativa a ajudar as crianças quando elas apresentavam alguma dúvida. Além disso, ela se preocupava bastante em ler para seus alunos os textos e os enunciados das questões trabalhados em sala de aula. Ao fazer a leitura, ela sempre destacava para os seus alunos as informações significantes à compreensão deles. Para tanto, ela usava muitos gestos, alterando o tom de sua voz e a velocidade, demonstrando que aqueles trechos por ela destacados possuíam relevância para a compreensão leitora do texto. Desta forma, podemos perceber que a professora fazia uso das pistas de contextualização frequentemente.

Notei ainda que as crianças conviviam em sala de aula com diversos gêneros textuais e que nem sempre esse trabalho com os gêneros surgem como uma sugestão da professora, mas sim do livro didático. Mesmo assim, ela demonstrava entusiasmo para trabalhar com esse tipo de atividade. Faltou apenas à docente explicar aos seus alunos, em algumas situações, as funções do gênero textual a ser abordado, como no caso da carta, quando ela poderia ter perguntado se as crianças sabiam a finalidade de uma carta, e, caso necessário, ter complementado com algumas informações. O mesmo caso aconteceu com o gráfico.

Outro aspecto importante na sua prática de professora mediadora é o costume de fazer perguntas antes e após a leitura, visando identificar, antes da leitura, os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema da aula e, após a leitura, avaliar se houve a compreensão textual. Entendo que a educadora poderia ter realizado perguntas inferenciais e avaliativas com maior frequência, pois elas são de extrema importância para que os alunos compreendam, de fato, o que foi lido. Ela demonstrou se preocupar com as palavras

desconhecidas, buscando verificar se os alunos conheciam o seu significado e aproveitava para incentivá-los ao uso do dicionário.

O que mais despertou a minha atenção durante as aulas foi a preocupação da docente com o efetivo aprendizado do conteúdo por parte de seus alunos. Fiquei fascinada de ver a cumplicidade existente entre ela e os seus alunos. Em nenhum momento ela precisou exaltar-se com a turma, já que entre eles havia um respeito mútuo.

A professora é brincalhona, pois divertia as crianças. Além disso, respeitava o fato de que as crianças gostam de ficar mais à vontade, não se importando que os alunos levantassem de seus lugares, desde que não interferissem na aula de forma negativa.

Nos momentos em que havia alguma criança conversando muito ou fazendo bagunça na sala, a professora, ao invés de se irritar, pedia que a ajudasse com alguma atividade. Com isso ela evitava constranger o aluno, fazendo com que ele se sentisse útil e parasse de tumultuar a turma, ocupando-o com outras tarefas.

Por fim, com base nas descrições e análises das observações realizadas na turma, constatei que a professora conseguia desenvolver sua função de mediadora de forma eficaz, mesmo não realizando sempre todas as estratégias adequadas para que o aluno compreendesse os textos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atingiu os seus objetivos, sendo suficiente para captar as estratégias que a professora utiliza em sala de aula com seus alunos que colaboram para a compreensão leitora deles. Também foi possível observar que ela deixou de utilizar outras estratégias importantes durante as atividades em sala de aula, como é o caso das perguntas inferenciais e avaliativas.

Por meio das observações posso mencionar que a postura da professora em sala de aula colabora para a compreensão leitora dos alunos. Durante as aulas houve situações nas quais a ela agiu de forma correta, enquanto em outras ocasiões ela poderia ter explorado mais o que era proposto.

Com a realização do presente trabalho, visualizei vários fatores que podem ser considerados importantes para fazer do aluno um leitor competente, capaz de ler, compreender e fazer o uso da leitura e da escrita no seu cotidiano. Dentro desses fatores relevantes destaco a mediação realizada pelo professor nas atividades em que a leitura está presente.

As estratégias de mediação da leitura utilizadas pelo professor em sala de aula são importantíssimas para garantir uma compreensão leitora satisfatória. Porém, posso mencionar, com base na experiência vivenciada em sala de aula, que existem outros aspectos que devem ser considerados relevantes na atuação do professor, como a sua sensibilidade e o seu interesse em ajudar os alunos que apresentem alguma dificuldade de compreensão. Ou seja, não basta usar as estratégias de mediação se o professor estiver desmotivado para ensinar e despreocupado com a efetiva aprendizagem de seus alunos.

Considero que algumas observações deste trabalho são importantes para pesquisas futuras. Uma delas é a relação da família com a compreensão leitora da criança. Verifiquei durante a correção das atividades do projeto de leitura que as atividades realizadas sem o auxílio dos responsáveis (os pais devem assinar e avaliar o desempenho do filho) estavam com muitas questões de interpretação e gramática respondidas erroneamente. Por sua vez, aquelas atividades que tinham a mediação dos responsáveis estavam corretas ou possuíam poucos erros.

Sendo assim, é possível deduzir que existe uma relação entre a família e a compreensão leitora das crianças, podendo esta relação servir como objeto de estudo para futuras pesquisas.

Sobre o Projeto de Leitura, acho que a professora deveria dar um retorno das atividades realizadas pelos alunos que contam com a ajuda dos pais, pois ela é uma pessoa mais experiente para se trabalhar com leitura, portanto, seria bom que compartilhasse com a turma os resultados do trabalho, o que precisam melhorar e também procurar fazer a correção das atividades e conversar com os pais das crianças sobre as dificuldades dos seus filhos.

A escola também deveria rever se algumas atividades que constam no projeto de leitura são realmente importantes para o desenvolvimento do aluno. Um exemplo é a parte que se trabalha com a caligrafia das crianças. Será mesmo importante “ensinar a criança que se deve escrever bonitinho”, levando em consideração que cada uma tem uma forma particular de escrever, umas com letra maior e outras com a letra menor.

Considero que essa pesquisa foi fundamental para minha formação como futura pedagoga, pois tive a oportunidade de conhecer melhor sobre os conceitos que estão ligados a minha área de interesse, que é a leitura e a mediação. Além disso, verifiquei como a teoria é aplicada na prática do professor em sala de aula, visualizando e analisando as estratégias mais eficazes para que a compreensão leitora aconteça de forma eficiente.

Através dos estudos realizados na área de leitura e mediação e da pesquisa realizada para tal trabalho monográfico pude perceber a importância que o professor assume diante de um texto. A responsabilidade do mediador da leitura vai muito além de verificar se o aluno compreendeu o que foi lido, pois como já foi visto, ele deverá criar e utilizar-se de algumas estratégias que facilitem esse processo de compreensão. Dessa forma, posso dizer que me sinto mais preparada para estar em sala de aula como professora e mediadora do conhecimento dos meus alunos.

## **PERSPECTIVA PROFISSIONAL**

O curso de Pedagogia abrange várias áreas importantes na formação do pedagogo. Ter a oportunidade de conhecer algumas delas foi necessário para melhor entender o papel do professor, que não se restringe somente ao ambiente escolar.

Acredito que a maioria das disciplinas, principalmente os projetos realizados durante esses oito semestres de graduação, foi fundamental para a minha formação como futura pedagoga. Aprendi que a atuação do professor vai muito além de transmitir conhecimentos aos seus alunos. Além disso, percebi que o professor comprometido com o futuro dos seus alunos é capaz de mudar rumos de crianças e adolescentes, despertando neles o interesse pelos estudos.

Recebi, portanto, valiosas lições durante todo o curso que me fizeram valorizar e admirar ainda mais a figura do professor. Aprendi muito durante esse percurso e pretendo continuar meus estudos, aperfeiçoando cada vez mais os meus conhecimentos a fim de me tornar uma profissional competente, pois sei que ainda tenho muito a aprender.

Assim que finalizar a graduação, pretendo estudar para passar em concursos públicos ligados à área da educação. Almejo trabalhar em escolas públicas, não somente pela estabilidade financeira, mas porque eu acredito que o professor dessas escolas pode organizar melhor suas aulas de acordo com as necessidades de seus alunos. Entendo que esse profissional possui mais liberdade para realizar as atividades que, segundo sua opinião, são mais proveitosas dentro do tema sugerido.

Com a perspectiva de atuar em escolas públicas, sei que é necessário me especializar em outras áreas, como a educação especial. Essas escolas normalmente recebem muitas crianças com necessidades educacionais especiais, sendo que muitos dos seus professores não tem a devida capacitação para atenderem esses alunos. Penso que todos os alunos, inclusive aqueles com necessidades especiais, merecem uma educação de qualidade, permitindo o seu desenvolvimento na vida escolar e social. Por isso pretendo aperfeiçoar-me também na educação especial, pois a educação deve ser acessível a todos os alunos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marígia. *Alfabetização e letramento: Algumas reflexões*. Revista de Educação AEC. Ano 34 – outubro/dezembro de 2005.
- BORTONE, Marcia Elizabeth. *A construção da leitura 1*. Brasília: Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Secretaria de educação Básica – MEC/SEB, 2004.
- \_\_\_\_\_. Marcia Elizabeth. *A construção da leitura 2*. Brasília: Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Secretaria de educação Básica – MEC/SEB, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flores. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FACHINETTO, Eliane Arbusti. RAMOS, Flávia Brovchetto. *Reflexões sobre a leitura: estudo de caso*. Estudo realizado no Curso de Pós-Graduação em letras, Leitura e Cognição – UNISC, s.d.
- FLORES, Onici Claros. *Como avaliar a compreensão leitora*. Revista Signo. Santa cruz do Sul, v. 32, p. 53-65, dez, 2007.
- GADOTTI, Moacir. *Alfabetização e letramento têm o mesmo significado?* Revista Pátio. Porto Alegre, nº 34, p. 48-49, mai/jul, 2005.
- KLEIMAN (org.), Angela. Introdução: *O que é o Letramento*. In.\_\_\_\_\_. (org.). *Os Significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEITE, C. A. R.; LEITE, E. C. R.; PRANDI, L. R. A. *A Aprendizagem na Concepção Histórico Cultural*. Akropolis Umuarama, v. 17, n. 4, p. 203-210, out./dez. 2009
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

RADESPIEL, Maria. *A educação básica no Brasil: O ensino foi expulso da escola?*. Revista Educação Sem Segredos. Ano 1 – número 002. P. 18 – 19.

REVISTA NOVA ESCOLA. Parâmetros Curriculares Nacionais Fáceis de entender. Edição Especial, São Paulo: Abril, 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento têm o mesmo significado? *Revista Pátio*. Porto Alegre, nº 34, p. 50-52, mai/jul, 2005.



\_\_\_\_\_. A reinvenção da alfabetização. *Revista Presença Pedagógica*. V. 9, nº 52, jul./ago, 2003.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 3. ed. Coleção Questões da nossa época; v. 47. São Paulo: Cortez, 2000.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Exemplo do Projeto de leitura do 4ª ano (citado na página 52)

CENTRO EDUCACIONAL STELLA MARIS	<b>COMPONENTE CURRICULAR: ATIVIDADES</b>		Valor: 1,25 pontos
	SÉRIE: 4º ANO – TURMA: _____	DATA: ____ / ____ / 2010	
ENSINO FUNDAMENTAL 1º ao 5º ano	PROFESSORA: _____ NOME: _____		
<b>LEITURA COMPLEMENTAR – Nº 03 – 2º BIMESTRE</b>			
<b>PREPARAÇÃO PARA A LEITURA</b>			
<p>Você sabe quais foram os nomes que o Brasil já teve? Como é o Brasil?</p>			
<p><b>Leia o texto com muita atenção para lembrar os nomes que a nossa terra teve.</b></p>			
<b>LEITURA SILENCIOSA</b>			
<p>O aluno deverá concentrar-se e fazer a leitura silenciosa para a compreensão do texto.</p>			
<b>LEITURA ORAL</b>			
<p>O aluno deverá ler o texto oralmente, para o seu responsável, respeitando a pontuação e o ritmo necessário.</p>			
<b>Ladainha I</b>			
<p>Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de Ilha de Vera Cruz.</p>			
<p>Ilha cheia de graça Ilha cheia de pássaros Ilha cheia de luz.</p>			
<p>Ilha verde onde havia Mulheres morenas e nuas Anhangás a sonhar com histórias de luas E cantos bárbaros de pajés em poracés batendo os pés.</p>			
<p>Depois mudaram-lhe o nome Pra terra de Santa Cruz. Terra cheia de graça Terra cheia de pássaros Terra cheia de luz.</p>			
			

A grande Terra Girassol onde havia guerreiros de tanga  
 E onças ruivas deitadas à sombra das  
 Árvores mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,  
 Certa madeira cor de brasa  
 E como o fogo da manhã selvagem  
 Fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,

E como a Terra fosse de árvores vermelhas.  
 E se houvesse mostrado assaz gentil,  
 Deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça  
 Brasil cheio de pássaros  
 Brasil cheio de luz.

Cassiano Ricardo, Seleta em prosa e verso, José Olympio

### INTERPRETAÇÃO ORAL

O responsável fará as perguntas e o aluno responderá oralmente. Caso seja necessário, ele poderá ler o texto novamente para melhor compreensão.

1. Quem são os guerreiros da tanga?
2. Por que o nome de Terra de Santa Cruz?
3. O que havia na Grande Terra Girassol?
4. Qual era o nome da madeira cor de sangue, cor de Brasa?

### TRABALHANDO COM PALAVRAS DO TEXTO

1. O aluno deverá copiar as frases, trocando as palavras destacadas por outras do mesmo significado.

a) E cantos bárbaros de pajés em poracés batendo os pés.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) A grande Terra Girassol onde havia guerreiros de tanga.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



c) E onças ruivas deitadas à sombra das árvores mosqueadas de sol.

d) Por se tratar de uma ladainha.

### INTERPRETAÇÃO ESCRITA

O aluno responderá as perguntas por escrito. Caso seja necessário, ele poderá consultar o texto e contar com a ajuda da família.

1. Faça uma descrição da ilha segundo o autor Cassiano Ricardo, escrita na 1ª estrofe.

2. Quem são as mulheres morenas e nuas às quais o autor se refere?

3. Quem são os guerreiros da tanga?

4. A poesia nos ensina:

( ) Que a descoberta de uma terra não tem importância.

( ) Os vários nomes que nossa terra teve.

( ) Que os pássaros são cheios de graça.

5) Complete o quadro:

**Justifique porque o Brasil teve estes nomes**

**Ilha de Vera Cruz**

**Terra de Santa Cruz**

**Brasil**

## HORA DA DIVERSÃO



1. Observe a gravura abaixo com atenção. Construa com toda sua criatividade uma caravela para fazermos uma bela exposição na nossa sala de aula.

2. Brasil de tantos nomes, hoje é o Brasil do Futebol. Você concorda com esta afirmação? Justifique a sua resposta.

3. Nesta copa, o Brasil faz parte do Grupo "G". Todos estes países fazem parte do mesmo grupo. Vamos relacionar os países às suas respectivas bandeiras?



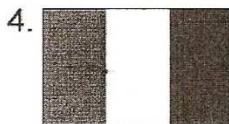
a. PORTUGAL



b. COSTA DO MARFIM



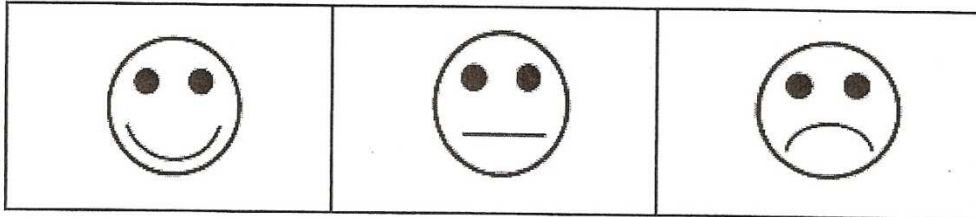
c. BRASIL



d. COREIA DO NORTE

### AUTOAVALIAÇÃO

O aluno pinta a figura que representa o seu desempenho na leitura e interpretação oral.



### AVALIAÇÃO DA LEITURA

O responsável observa a leitura e interpretação do aluno e preenche o quadro seguindo os critérios abaixo:

**RITMO:** Observar se a leitura é muito rápida ou muito lenta.

**ENTONAÇÃO:** Verificar se os sinais de pontuação são usados corretamente, se as pausas são feitas quando necessário e se há equilíbrio quanto ao tom de voz (nem muito alto, nem muito baixo).

**FLUÊNCIA:** Observar se a leitura está próxima à fala, com cadência.

**INTERPRETAÇÃO:** Analisar se há coerência entre a pergunta e a resposta dada pelo aluno.

**OBSERVAÇÕES:** Registrar algum aspecto que o aluno deve melhorar e/ou recado à professora a respeito da prática desenvolvida.

CRITÉRIOS	ÓTIMO	MUITO BOM	BOM	PODE MELHORAR
RITMO				
ENTONAÇÃO				
FLUÊNCIA				
INTERPRETAÇÃO				

Observações:

---



---



---



---



---

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: \_\_\_\_\_

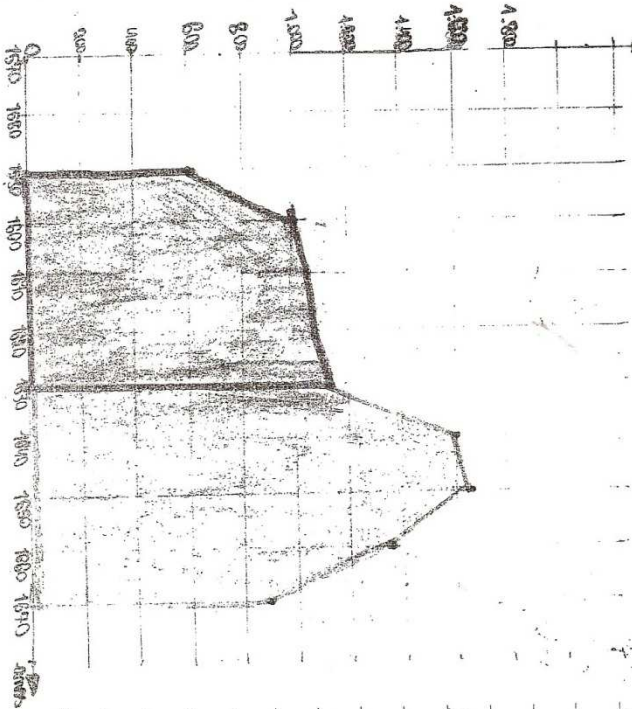
DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ANEXO B – Carta de um aluno (citada na terceira aula descrita e analisada)

KIDS



escola Militar (Seminários)



Centro Educacional Stella Maris  
Data: 22/10/10

Data: 22/10/1991 local: Fazenda, piamon  
? Brigade prime-mercado

Um time de 1000 cartas  
é poria de cartas como  
poromem os apertados da  
apertados entre os anos de 1570  
a 1670.

Na época de meu avô  
nos anos 1570 a 1630 os apertados  
criaram um e um. Porém, a partir  
de 1630 a 1670 na época de meu pai  
os apertados continuaram a criar  
até 1650 a partir daí começa  
a cair até 1670.

Olavo, seu primo apertado  
Carimã